



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

ARIANE BARRIOS RODRIGUES

**EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Jaguarão

2019

ARIANE BARRIOS RODRIGUES

EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Relatório crítico reflexivo, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge
Hammes

Jaguarão

2019

RR696e Rodrigues, Ariane Barrios

Educação para paz na escola: investigando possibilidades na Educação Infantil / Ariane Barrios Rodrigues. 84 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2019.

"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".

1. Educação Infantil. 2. Educação para paz. 3. Cultura de paz. I. Título.

ARIANE BARRIOS RODRIGUES

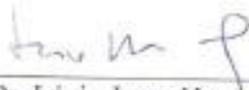
**EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Relatório crítico reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

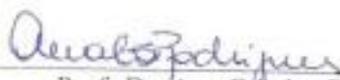
Área de Concentração: Educação

Relatório defendido em: 23 de agosto de 2019.

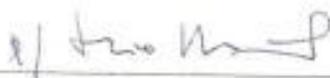
Banca examinadora:



Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Ana Cristina Rodrigues
UNIPAMPA



Prof. Dr. Jaime José Zitkoski
UFRGS

Dedico este Relatório a minha Mãe, pelo apoio e por sempre acreditar, ao meu Filho por ser a razão de todo o esforço, ao meu Esposo pelas ausências e companheirismo, ao meu Padrasto pela parceria, vocês foram meus maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio, amor e presença.

AGRADECIMENTO

À espiritualidade que me acolhe, ilumina, dá força e sentido para a minha caminhada.

À minha mãe Lourdes, amiga e patrocinadora que sempre me incentivou, e não mediu esforços para me ver chegar até aqui. Devo isso à ela, cheguei até aqui, por ela.

Ao professor, amigo e orientador Lucio, pela paciência e referência nesta caminhada.

À Professora Doutora Marta Pozzobon, pelas reflexões enriquecedoras por ocasião do Exame de Qualificação e pela constante simpatia e cortesia com o qual sempre me tratou.

Aos professores do programa, minha gratidão pela forma de conduzirem o curso em todas as etapas de minha formação no mestrado.

Aos professores doutores, membros da banca, Ana Cristina e Jaime por generosamente me apoiarem e contribuírem para esta pesquisa.

Às minhas queridas colegas do grupo "qualificadas" pelo convívio, momentos de alegria e laços de amizade.

À minha colega e copiloto Janaína pelos 25.920km percorridos com muitas histórias, lanches, balsas e pneus furados.

À tia Alda, pelo exemplo de profissional, por ser minha inspiração na carreira do magistério.

Ao tio Luiz Carlos, por cuidar do meu filho durante minha ausência.

Aos meus alunos do Maternal II A, da Escola Municipal de Educação Infantil Donatos e suas famílias pelo incentivo e amor na realização das atividades do projeto de intervenção.

Lourdes, Matheus, Filipe e Marchetot! Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Hoje estamos colhendo juntos, os frutos deste empenho! Esta vitória é nossa!

Você nunca sabe que resultados virão de sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.

Mahatma Gandhi

RESUMO

Este Relatório Crítico-reflexivo é resultado de uma pesquisa e intervenção pedagógica realizada com alunos de uma turma de maternal, na Escola Municipal de Educação Infantil Donatos localizada no município de Santa Vitória do Palmar, que teve como objetivo geral implementar junto as rotinas do maternal, ações de paz, para a formação de cidadãos que a partir de uma cultura de diálogo, de respeito e de paz, convivam em harmonia no espaço escolar. Por meio de intervenções desenvolvidas na sala de aula salientamos situações onde são prezados os bons costumes, a amizade, o diálogo, o carinho, a partilha de alimentos, a ajuda ao próximo. A metodologia evidencia ações cooperativas na sala de aula, que estimulam um ambiente prazeroso para construir laços afetivos, mediação dos conflitos, estratégias de ação para paz e a não violência no contexto escolar. Trabalhamos com as roda de conversa com a construção coletiva das ações que foram trabalhadas durante todo o projeto de intervenção. A partir dos dados coletados foi possível identificar que as ações realizadas exigiram flexibilidade na rotina da sala de aula, a compreensão da situação e o diálogo, encontrando significativos resultados a partir dos pressupostos de uma educação para a paz. Apresentamos uma visão da realidade, a partir do olhar do pesquisador, novos caminhos, novas possibilidades. Após essa etapa, os alunos apresentaram significativa desenvoltura para resolver situações simples de conflitos no grupo, ações que os incomodavam e que foram sendo superadas por cada um deles. Em relação a essa mudança, compreendemos que a intervenção teve impactos na diminuição do conflito na turma, e contribuiu na união da turma em torno de um objetivo de fazer refletir sobre o papel no grupo e como cada um, foi influenciando nas relações que acontecem em sala de aula.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Educação para Paz, Cultura da Paz, Infância

RESUMÉN

Este Informe Crítico-Reflexivo es el resultado de una investigación e intervención pedagógica realizada con estudiantes de una guardería, en la Escuela Municipal de Educación Infantil Donatos ubicada en el municipio de Santa Vitória do Palmar, cuyo objetivo general era implementar las rutinas de la guardería juntos. acciones de paz, para la formación de ciudadanos que, basados en una cultura de diálogo, respeto y paz, vivan en armonía en el entorno escolar. A través de intervenciones desarrolladas en el aula, destacamos situaciones en las que se valora la buena moral, la amistad, el diálogo, el afecto, el intercambio de alimentos y la ayuda a los demás. La metodología destaca acciones cooperativas en el aula, que estimulan un ambiente agradable para construir vínculos afectivos, mediación de conflictos, estrategias de acción para la paz y la no violencia en el contexto escolar. Trabajamos con los círculos de conversación con la construcción colectiva de las acciones que se trabajaron durante todo el proyecto de intervención. A partir de los datos recopilados, fue posible identificar que las acciones realizadas requerían flexibilidad en la rutina del aula, la comprensión de la situación y el diálogo, encontrando resultados significativos de los supuestos de una educación para la paz. Presentamos una visión de la realidad, desde la mirada del investigador, nuevas formas, nuevas posibilidades. Después de esta etapa, los estudiantes mostraron un gran ingenio para resolver situaciones simples de conflictos en el grupo, acciones que los molestaron y fueron superados por cada uno de ellos. En relación con este cambio, entendemos que la intervención tuvo un impacto en la reducción del conflicto de clase y contribuyó a la unión de la clase en torno a un objetivo de reflexionar sobre el papel en el grupo y cómo cada uno influía en las relaciones que suceden en cada clase.

Palabra clave: Educación infantil, Educación para la paz, Cultura de paz, Infancia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia do município de Santa Vitória do Palmar/RS.....	14
Figura 2. Fotografia da faixa principal da EMEI Donatos	14
Figura 3. Fotografia da faixa da nova entrada principal da EMEI Donatos	15
Figura 4. Fotografia no novo tapete da sala do maternal	36
Figura 5. Fotografia da capa do suporte de colchonetes	37
Figura 6. Fotografia da cortina do armário principal	37
Figura 7. Fotografia da prateleira de brinquedos e floreiras	38
Figura 8. Fotografia da prateleira de brinquedos e televisão	38
Figura 9. Fotografia do momento do filme	41
Figura 10. Fotografia das nuvens de combinado	42
Figura 11. Fotografia do cartaz confeccionado	45
Figura 12. Fotografia da partilha do bolo	46
Figura 13. Fotografia do livro: Douglas quer um abraço	47
Figura 14. Fotografia do momento da história	50
Figura 15. Fotografia da dramatização dos abraços	50
Figura 16. Fotografia dos recadinhos do coração	51
Figura 17. Fotografia da partilha dos sanduíches	53
Figura 18. Fotografia da dança das cadeiras (1)	54
Figura 19. Fotografia da dança das cadeiras (2)	54
Figura 20. Fotografia do chazinho da paz	56
Figura 21. Fotografia da capa do guia da paz	58
Figura 22. Fotografia de uma página do guia da paz	59
Figura 23. Fotografia de uma página do guia da paz	59
Figura 24. Fotografia de uma página do guia da paz	60
Figura 25. Fotografia de uma página do guia da paz	60
Figura 26. Fotografia do sachê de camomila	61
Figura 27. Fotografia do sachê de camomila no travesseiro do aluno	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Identificação e faixa etária dos alunos.....	19
Quadro 2. Rotina diária da turma.....	32
Quadro 3. Ações da intervenção.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2. EMEI DONATOS: UM DIAGNÓSTICO	14
3 MARCO TEÓRICO	20
3.1 Educação Infantil e a infância	20
3.2 Educação infantil e os círculos de paz	24
3.3 A escola de Educação Infantil sua função e social	25
3.4 Educação e a cultura de paz	26
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1 Estratégias de ação	32
5. A INTERVENÇÃO E DISCUSSÕES	35
5.1 Avaliação da intervenção	62
5.2 Vivências de paz, no cotidiano da Educação Infantil	63
5.3 Transformações frente as práticas de paz	70
5.4 Crescimento na perspectiva da educação para paz na educação infantil	72
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
7 REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE	79

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, vimos o avanço dos debates sobre a paz como valor a ser agregado na vida. É comum ouvir o pedido pela paz, na sociedade ou nas instituições educacionais. Estes pedidos estão registrados por todos os lados, sejam eles, meios de comunicação, praças, escolas, órgãos públicos, ou simplesmente aos nossos olhos, quando clamamos por paz, ao depararmos com alguma situação ou notícia de tristeza, estampada por todos os lados, independente da função que ocupamos. Porém, para nós professores, essas visões estão cada vez mais explícitas no nosso dia a dia. A violência no âmbito escolar, a falta de diálogo, a intolerância, o preconceito tem crescido de forma significativa nos últimos anos.

Como professora de educação infantil, há mais de quinze anos, percebo que cada vez mais se faz necessário unir forças em busca de uma sociedade mais humanizada. Mesmo tratando-se de escolas de educação infantil, estas vêm sendo cenário de violência dos mais variados tipos. Atuando junto à essa comunidade durante oito anos, vejo a diferença das turmas que recebo da mesma faixa etária de um ano para o outro, vejo situações que não parecem condizer com a faixa etária atendida da educação infantil.

É na educação infantil que as crianças iniciam sua socialização, criando assim novos vínculos, que posteriormente ficarão na memória dessa trajetória educacional. Como referência nessa perspectiva destacamos Freire, quando aponta que precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura da Paz”. (FREIRE, 2006, p. 391).

O pensamento de Freire traz intelecto conectado com objetivo de criar laços entre sua filosofia e a educação infantil, a partir do diálogo. Destacando em suas ações, além do conhecimento, a colaboração, o diálogo, a tolerância, a amorosidade, a escuta, a curiosidade entre outros. É importante enfatizar que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) em maio de 2018 passou a vigorar os incisos IX e X que estabelecem a promoção de medidas de conscientização e combate a todos os tipos de violência e estabelece ações destinadas à promoção da cultura da paz nas escolas.

2. EMEI DONATOS: UM DIAGNÓSTICO

A Escola Municipal de Educação Infantil Donatos, localizada no município de Santa Vitória do Palmar (Rio Grande do Sul – RS). Abaixo, trazemos a figura 1 do pórtico de entrada do município.

Figura 1. Município de Santa Vitória do Palmar.



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.santavitoriadopalmar.rs.gov.br/> Acesso em: 10 maio. 2018.

A escola é uma das 07 EMEIs do município, na zona urbana, hoje com 20 professores, 7 auxiliares e 7 monitores, sendo que no turno da manhã trabalham, 10 professores efetivos, 4 monitores contratados e 4 auxiliares efetivas. Com um total de 198 alunos, sendo que somente 78 são atendidos no turno da manhã. Estes alunos estão distribuídos em seis níveis, são eles berçário I, berçário II, maternal I, maternal II, Pré e Pré B.

Figura 2. Fotografia da faixa principal da EMEI.



Fonte: Imagem da pesquisadora

Hoje a escola é atendida por uma diretora e uma coordenadora pedagógica, ambas de turno integral, há 3 anos foi implantado no município a gestão democrática

onde o diretor é empossado de forma eletiva, e o coordenador é escolhido pelo próprio diretor eleito.

A atual diretora está no cargo há 11 anos, 08 por indicação e 03 por eleição, de acordo com a lei de gestão municipal (2015), todos os diretores e coordenadores devem portar especialização em gestão escolar.

O município dispõe de 4 escolas estaduais, sendo 3 com Ensino Médio, 8 escolas municipais de Ensino Fundamental na zona urbana e 7 na zona rural, sendo que só uma destas da zona rural dispõe do Ensino Médio.

O prédio atual da instituição, foi inaugurado em 18 de agosto de 2000 à Rua Osvaldo Anselmi, nº2235 e conta atualmente com um quadro de 18 professores efetivos, 2 professores contratados, 1 professor suplementado, 1 monitor efetivo, 5 monitores contratados e 7 auxiliares de educação efetivos.

Hoje a EMEI Donatos, tem como endereço principal a rua São Miguel, nº465, devido à cedência de um prédio público que funcionava o antigo posto de saúde do bairro, ao lado da instituição e por alvedrio da direção, este passou a ser o endereço principal.

Figura 3. Fotografia da nova entrada principal da EMEI



Fonte: Imagem da pesquisadora

A EMEI fica próxima dos bairros Centro, Aviação e Loteamento Dorival Leston, em partes compostos por uma população um tanto carente, marcada por algumas situações de fragilidade social.

Nos arredores existem 2 escolas municipais de Ensino Fundamental, com modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Bem como alguns pequenos estabelecimentos comerciais familiares e mercados de médio porte.

Na rua Lucrecia Alves, próximo à EMEI situa-se também o posto de saúde municipal e a secretaria de obras, junto a Av. Bento Gonçalves. A EMEI desfruta de um terreno de 360m² de área construída, 9 salas de aula, 4 banheiros, 1 almoxarifado, 1 refeitório, 1 sala de professores, 1 cozinha, 1 gabinete da direção e setor pedagógico.

No centro da EMEI, as crianças dispõem de uma área aberta com bancos para os momentos recreativos e artísticos.

A EMEI conta com um quadro de 20 docentes, nenhum desses professores possuem doutorado, uma professora cursa mestrado, 6 desses professores possuem especialização e os demais com graduação.

Partindo deste breve histórico da EMEI, é que damos início à apresentação dos dados coletados, para a análise das situações de implementação da cultura da Paz na escola de educação infantil, das quais a professora mestranda participa juntamente com professores e monitores que contemplam o diagnóstico da realidade da escola de educação infantil, em nível de estudo preliminar.

Assim, como a maioria das instituições voltadas para o atendimento da primeira infância, a Escola de Educação Infantil Donatos (EMEI Donatos), localizada no município de Santa Vitoria do Palmar engloba em sua atuação diferentes níveis: Berçário 1, Berçário 2, Maternal 1, Maternal 2, Pré- A, Pré-B. Instituição pública municipal, que de acordo com o Plano Municipal de Ensino (2015), tem por objetivo:

Proporcionar, a criança de zero a cinco anos, condições e espaços lúdicos de ensino, aprendizagens, lazer, promovendo um ensino de qualidade social, estimulando a capacidade individual, promovendo a participação social, assegurando a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania. PME (2015)

A estruturação didática da Escola é baseada nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (PCNs,2006), que tem por objetivo promover a igualdade de oportunidades educacionais, ressaltando que deve ser levado em conta diferenças, diversidades e desigualdades, baseando-se na área territorial e na presença de múltiplas culturas. Além disso, é voltada para a promoção de igualdade e oportunidades, trazendo à tona as diferenças e as desigualdades que desafiam a viabilizar um projeto voltado a promoção da cultura da paz, fator que influência diretamente nos indicadores de qualidade da educação infantil proposto pelo MEC. Por isso, a necessidade de buscar conhecimentos sobre a cultura da paz e desenvolver esta proposta educacional nas instituições de educação infantil, partindo da prevenção, com o foco no êxito das práticas escolares.

O plano Municipal de Educação, ressalta:

Promover um ensino de qualidade social, estimulando à capacidade individual que promova a participação social, assegurando a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, promovendo formas diversas de campanha de sensibilização da sociedade para o apoio à uma educação cidadã. Compreendendo o ambiente social, dos valores e da formação de atitudes. Fortalecendo os vínculos familiares, dos laços de solidariedade humana e da tolerância recíproca em que se assenta a vida social, respeitando as diferenças (PME).

Assim, entendemos a necessidade de formação para que possamos formar alunos para viver na cultura da paz. Sabe-se que ainda são recentes as oportunidades de estudos que busquem contribuir com a Educação para paz, voltada para a educação infantil. Os parâmetros de qualidade para a educação infantil serão alcançados se a escola entender que a prática da cultura da Paz faz parte do cotidiano escolar e traçar caminhos a partir do referencial da cultura que seja um instrumento que propicie novas oportunidades para a prática de professores e monitores da educação infantil, auxiliando não só a prática da resolução de conflitos para a participação no processo de transformação social dos sujeitos da educação na escola: professor, monitor e aluno.

Para dar conta destas provocações é que surge a necessidade de promover a formação para a cultura da paz nas escolas de educação infantil, como propõem a Lei 13.663, de 14 de maio de 2018:

Art. 1o O caput do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu Sistema, terão a incumbência de(..)

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas;

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

Desta forma, no primeiro momento, propomos a intervenção como formação continuada para professores e monitores de educação Infantil da Escola de Educação Infantil Donatos, do município de Santa Vitória do Palmar/RS para a promoção da cultura da paz.

Partindo de um diagnóstico da realidade, passando por sensibilização do tema e futuros círculos de aprendizagem em que os conhecimentos acerca da cultura da paz seriam aprofundados, com a auto avaliação docente, procurando compreender se as estratégias favoreceriam a promoção da cultura da paz na escola e se, a intervenção realmente traria mudanças para sua prática profissional.

No início do corrente ano letivo, tivemos uma mudança no quadro de professores e monitores, onde a maioria dos interessados foram remanejados, restando apenas duas professoras e duas monitoras que aceitaram o convite para participar no final do ano de 2018, por este motivo reestruturamos nossa intervenção e passamos a programar ações para intervenção direcionadas aos alunos do maternal II da EMEI Donatos do turno da manhã.

A turma do maternal II, turno manhã conta com 12 alunos, na sala de aula atuam uma professora e uma auxiliar de educação. Esses alunos chegam na escola as oito horas da manhã e retornam para suas casas somente as dezessete e trinta, passam a maioria do seu tempo dentro da instituição. A clientela da EMEI, classifica-se entre classe média e classe média baixa, a maioria delas, moradoras do bairro ou arredores. Todos os pais trabalham e por isso a necessidade de permanecerem na escola por período integral. A maioria dos alunos da sala do maternal II, tem irmãos, apenas dois são filhos únicos. Os pais e responsáveis são presentes na sala, e apresentam boa relação com a professora e a auxiliar de educação.

Nas atividades rotineiras que geralmente temos a oportunidade de presenciar situações de conflito e violência em sala, embora ainda pequenos (3anos), já manifestam-se em determinados momentos, utilizando a violência, a intolerância, o desrespeito, com colegas e as vezes até mesmo com os professores, na hora do brinquedo não partilham do mesmo brinquedo. Outro ponto importante é a questão da conservação do bem público, dos materiais de uso comum que vai desde o lápis bastão até os colchonetes, os lençóis os tapetes, utilizados por eles diariamente.

Os registros desses casos, ficam em poder da direção, e não podemos basearmos por eles, são fidedignos tratando-se de uma pesquisa de levantamento de dados, uma vez que a orientação é chamar os pais e/ou fazer registro em último caso.

Nessa turma de 12 alunos, no decorrer do ano de 2019, temos apenas um registro autorizado, que consta nos livros de atas da escola, onde o aluno apresentou comportamento inconveniente durante aproximadamente oito dias, agredindo professores, jogando cadeiras nos colegas, derramando lixeiras, arrancando painéis na sala de aula, além de ameaçar com o pai e sua arma, a vida das professoras (verbalmente).

Como diz Fernández:

Todos nós somos passíveis de cometer uma agressão, mas o fenômeno de violência interpessoal no âmbito da convivência entre escolares transcende o

fato isolado e esporádico, convertendo-se em um problema escolar de grande relevância, porque afeta as estruturas sociais pelas quais deve ser realizada a atividade educativa. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 29).

Neste sentido, mesmo tendo que nos redirecionar por outro caminho, acreditamos nos processos estabelecidos e queremos que este trabalho seja um marco na instituição para dar o pontapé inicial nas ações referentes a educação para paz na educação infantil.

Desenvolvemos a intervenção, onde participaram alunos, do turno da manhã da turma do materna II, cuja pesquisadora é a professora.

Quadro1: Identificação e faixa etária

Aluno	Idade
Bernardo Cruz	4 anos
Gabrielly Machado	3 anos 4 meses
Issac as Silva	3 anos e 6 meses
João Vicente Lemos	3 anos e 9 meses
Lavínia Barcia	3 anos e 5 meses
Lorenzo Valadão	3 anos e 11 meses
Lorenzo Schonhofen	3 anos e 8 meses
Luiza Pereira	3 anos e 6 meses
Luriel Schonhofen	3 anos e 8 meses
Valentina Borba	3 anos e 8 meses
Valentina Ferreira	3 anos e 9 meses
Vitor Valentin	4 anos e 1 mês

Fonte: Material da pesquisadora

Os responsáveis dos alunos, além de estarem por dentro das ações pretendidas, estão de acordo e reconhecem a importância além de destacar a dificuldade de educar um filho nos tempos de hoje.

Hammes (2009) afirma que:

A situação de hoje requer a elaboração de estudos e ações que vão ao encontro da paz duradora. Por isso, pode ser necessário elaborar novos “tratados de paz”, mas também a formação de pessoas para que possam conviver com o diferente e resolver os conflitos de modo não-violento. Propõe-se um “movimento pela paz”, com um convite especial para aqueles que mais sofreram pela falta de paz. A sociedade civil pode mobilizar

iniciativas de paz antes que a crise esteja fora de controle e vidas sejam perdidas. (p.17)

Assim, de acordo com Hammes (2009), a formação desses alunos no primórdio de sua vida escolar tem uma expressiva influência no contexto escolar em que vivemos atualmente. E o apoio e presença dos pais, nessa trajetória também deverá ser um fator significativo.

3 MARCO TEÓRICO

Neste capítulo apresentaremos a Educação Infantil no contexto político nacional e apresentaremos alguns teóricos e suas contribuições sobre a infância, exprimiremos sobre os círculos de paz e suas contribuições. Em seguida abordaremos sobre a educação para paz e a cultura de paz.

[...] são as pessoas, os coletivos humanos e as relações que elas estabelecem entre si e com o mundo em que vivem [...]. As relações humanas é o que nos interessa no início do processo pedagógico, justamente porque se trata de educar para a convivência, para as inter-relações entre as pessoas e entre elas com o planeta, nas suas mais complexas, mais singelas e mais dinâmicas dimensões. (PADILHA, 2007, p. 220-221)

3.1 Educação Infantil e a infância

A Educação Infantil dedica-se ao o atendimento de crianças de zero a cinco anos de idade. Trata-se de um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 205, dispõe que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania. E na LBD, em seu artigo 29 quando diz que:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei 9394/96, artigo 29).

No Brasil vivenciamos um momento histórico que requer a reflexão sobre às políticas públicas voltadas para as crianças. Cada vez mais, a educação e a atenção com

a primeira infância, vem ocupando espaços, e os tornando prioritários perante os governantes, sendo eles federais, estaduais ou municipais. Assim como outras organizações da sociedade e profissionais da área de educação e pesquisa, que veem na Educação Infantil uma verdadeira conexão para a formação integral do cidadão.

O reconhecimento dos direitos afirmado na Constituição de 1988, no ECA e na LDB de 1996 está explícito nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e no Plano Nacional de Educação. Isto reflete consequências para a políticas municipais que, com maior ou menor ênfase, vem investido em educação infantil.

Podemos contar com pesquisas e teorias que vem fundamentando o trabalho na educação infantil, que foram pensadas para o bom desenvolvimento da prática do professor de educação infantil, e servem como um guia para o trabalho. Os Parâmetros Nacionais de qualidade para educação infantil, são um exemplo disso, quando servem para a promoção de igualdade, já que provemos de imenso território e de múltiplas culturas. Já a Política Nacional de Educação Infantil, garante o direito das crianças de zero a seis anos à educação, é um documento que efetiva um processo democrático de implementação das políticas públicas, garantindo-lhes assim maior igualdade de possibilidades. Nos Parâmetros Básicos de infraestrutura de educação infantil, encontramos exemplos nacionais relacionados aos ambientes das instituições, que focam sua intencionalidade na importância de que esses espaços propaguem o fomento de descobertas, desafios, aprendizagens e que venham a facilitar as interações sociais.

Contamos ainda com os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, que tem por finalidade servir como guia de reflexão para os profissionais que atuam na área, respeitando suas linhas pedagógicas e diversidades culturais. O referencial é dividido em três volumes e direciona-se para o planejamento, desenvolvimento e avaliação das práticas educativas. Dispomos também dos parâmetros curriculares, juntamente como os critérios para os atendimento nas instituições de educação infantil, para que sejam garantidos os direitos fundamentais da criança, esse documento contém orientações referentes ao funcionamento interno, vislumbrando práticas concretas e definição de diretrizes e normas.

Citando alguns documentos significativos e que fazem parte deste histórico da educação infantil, ainda sentimos que há muito o que se fazer, em termos de políticas públicas, para que a constituição seja efetivamente cumprida, zelando por uma educação de qualidade. Mesmo que ainda convivamos com conceitos culturais ultrapassados, de que a Educação Infantil é apenas baseada em cuidados ou em uma preparação para o

primeiro ano do ensino fundamental, sabemos que é direito de todas as crianças, serem educadas em instituições coletivas na esfera municipal, e isso não significa que o ensino infantil seja apenas a preparação para o próximo ensino. O ensino infantil se constitui por si só, o ensino infantil, tem por centralidade a criança e sua especificidade. Assim como o ensino fundamental tem como objetivos a produção, a transformação, a formação, a libertação, a educação infantil ainda reforça-se no objetivo de cuidar, baseada principalmente na faixa etária que atende.

A seguir discorreremos sobre alguns teóricos e suas contribuições na educação infantil.

Oliveira (2000), reforça que o direito da criança à educação, em nenhum momento se desvincula da qualidade dessa experiência, intensifica a discussão quando levanta questões relativas as propostas pedagógicas, aos saberes e fazeres dos professores e suas práticas desenvolvidas junto com suas crianças.

Comênio (*apud* OLIVEIRA,2000 quando afirmava que o cultivo da imaginação precedia o desenvolvimento do lado racional da criança, vindo à evidenciar propósitos de desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico, que implicaria na formação do homem religioso, social, político, racional, afetivo e moral (OLIVEIRA, 2007, p. 64). Defendia que, desde a infância deveria ser trabalhado tudo, tudo que tivesse por objetivo ser inserido na criança, de modo que pudesse aprender dentro de um campo mais amplo do conhecimento.

Rousseau (1712-1778), destacou-se com seu pensamento político, baseado na ideia da bondade do homem, criticou a injustiça na sociedade, e propôs uma educação voltada para o combate ao preconceito e ao autoritarismo. Rousseau considerava a mãe a detentora do papel natural de educadora da criança, enfatizando a infância como um momento onde se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio, afirmando que “a infância não era apenas uma via de acesso, para um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma”. Para Rousseau, a ação do educador deveria ser uma ação natural que levasse em consideração a infância, a ingenuidade, a inconsciência. Defendendo “uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis e enfatizasse não o que as crianças tem permissão para saber, mas o que é capaz de saber” (OLIVEIRA, 2007 p. 65).

Pestalozzi (1746-1827), seguindo as ideias de Rousseau, tinha seu pensamento com base nas manifestações de bondade e caridade à favor dos pobres, suas ideias tiveram impacto na Europa e Norte da América onde abriram caminho para várias

iniciativas de integrar cuidado e educação da criança em ambientes extrafamiliar, como por exemplo a criação de espaços para filhos de operário. Defendia a função principal do ensino infantil, como ser o desenvolver das habilidades, considerou também que o ato de educar deveria ser o mais natural possível, com disciplina e amor, pondo em ação o que a criança já possui dentro de si, contribuindo assim para o desenvolvimento de seu caráter (OLIVEIRA, 2007, p. 66).

Froebel (*apud* OLIVEIRA,200) defendia que o indivíduo é uma unidade, quando considerado em si mesmo, mas que mantinha uma relação com o todo, quando se incorporava aos outros para atingir certos objetivos. Mesmo tendo trabalhado com Pestalozzi, de forma independente e crítica, formalizou seus próprios princípios educacionais enfocando o período da infância, insistindo para que as necessidades infantis fossem plenamente desenvolvidas. Inspirado pelo amor as crianças e a natureza, sua ideia de atividade e liberdade era de reformular a educação, embora hoje em dia, seja, apenas conhecido como criador dos jardins da infância ou por sua metodologia de educação infantil.

Montessori (*apud* OLIVEIRA,2000) em sua trajetória defendeu o papel da educação, que era favorecer o progresso infantil de acordo com os aspectos biológicos de cada criança. Piaget, criador da epistemologia genética, mostrou que todas as crianças passavam por estágios estáveis de estruturação de pensamento, investigou como se dava à construção do conhecimento no campo social, afetivo, fisiológico e cognitivo. Para Piaget (1996), o desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo, que depende da ação do sujeito e de sua interação com os objetos. Se a educação tem por objetivo promover esse desenvolvimento, deve favorecer o crescimento dos alunos por seus próprios meios, oferecendo-lhes condições para que isso ocorra. Cabendo ao professor desenvolver novas práticas que permitam aos alunos um melhor aprendizado utilizando-se de metodologias apropriadas.

Trazer propositalmente estes teóricos e pesquisadores da educação com suas contribuições para o processo histórico e evolutivo da educação infantil, nos inspira pensar que os estudos voltados para a infância, em relação a educação, as metodologias, aos recursos, as intervenções precoces, além de não se esgotarem por aqui, são significativamente ressaltados na fala de cada um deles, onde alertam para a importância a ser dada sobre o período da infância, e as melhorais que podemos alcançar como resposta, quando as sementes iniciais forem plantadas precocemente, subjetivando alcançar determinados objetivos.

3.2 Educação infantil e os círculos de paz

A educação infantil, utiliza-se dos círculos na perspectiva de que, quem ensina aprende e quem aprende, ensina. Fazendo assim o aluno reconhecer-se como sujeito ativo desse processo de construção, promovendo na maioria das vezes, o diálogo entre os saberes.

A base em que fundamenta-se esse os círculos na educação infantil, numa visão freiriana, é o diálogo.

É na palavra pronunciada, que revela o mundo, que os participantes se fazem ao fazer e refazer o próprio mundo, a ação educativa. [...] re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo. (FREIRE, 1987, p. 17)

O papel do professor nesta perspectiva de círculo no contexto da educação infantil é de mediar esse diálogo, é de desafiar e problematizar as ações e reações contidas, e que venham a nascer durante as reflexões de grupo.

É a partir dos círculos de dialógicos participativos, com o contexto escolar ou da sala de aula que busca-se o fortalecimento do exercício de cidadania e de autonomia na busca de melhorias nas condições de vida, desenvolvimento pessoal, cognitivo, enquanto sujeito deste ambiente formador e enquanto cidadão do futuro.

Dentro dos significados que os círculos representam para a educação infantil, destacam-se as relações humanas, justamente por estarmos tratando dos primórdios das relações entre esses alunos. Cuidamos do início da relação deles com o mundo, com os adultos, com o ambiente.

Goergen (2005) defende que o sujeito não forma a sua identidade a partir de um impulso subjetivo, mas a partir da relação intersubjetiva com o outro, no meio social no qual vive. Para o autor, a formação do sujeito depende fundamentalmente do contexto com o qual ele se relaciona interativamente.

Com a utilização dos círculos busca-se construir uma proximidade e empatia no processo de ensino e de convivência na educação infantil, para isso precisamos levar em conta o ambiente, as experiências, os saberes, enfim a realidade local, portanto, é necessário adotar uma postura dialógica baseada na vida pessoal de cada um, buscando compreender as complexidades e os saberes um dos outros.

Sendo assim cabe ao professor introduzir nas ações do círculo os conflitos, as diversidades de personalidades, o convívio social, o convívio escolar, suas peculiaridades e culturas. O professor precisa buscar alternativas que atenda o interesse de todos, de acordo com

faixa etária, para que possa estabelecer um convívio de harmonia e conscientização em prol de uma formação de qualidade por intermédio dos círculos de paz.

3.3 A escola de Educação Infantil sua função e social

“A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Essa famosa frase faz parte do valioso acervo da pedagogia do Brasil e do mundo, Paulo Freire. É dever do estado, das famílias e das escolas, o cuidado pelo bem estar das crianças, assumindo um papel de auxílio em todas as esferas e assim destacamos os círculos de paz como instrumento para se obter e promover esse controle.

Sendo a instituição de educação infantil, uma instituição formada por direção, coordenação, professores e outros profissionais, e tendo como foco principal os alunos, sabemos que não será o único dever da escola ofertar o ensino pedagógico, ou somente estabelecer o conhecimento didático, mas sim, garantir uma formação em parâmetros de justiça, igualdade, solidariedade, fraternidade e amorosidade.

A escola é lugar apropriado para produzir conhecimento e partilhar informações, o papel da escola é um dos fatores mais importantes em relação à formação do caráter de um cidadão.

É hora de aprender a ser, sendo; de aprender a conviver, convivendo; de educar, educando-se; de fazer o caminho, caminhando. Muito se espera, portanto, dos educadores, que encontram nesse processo grandes desafios dos quais certamente sairão bem mais enriquecidos do que ao nele entrarem (MEIRELLES, 2014)

As crianças estão inseridas desde seus primeiros anos de vida em meio das instituições escolares, elas aprendem coisas fundamentais que levarão para toda sua vida, entre elas está: a importância da organização, a esperar a sua vez, a hora de brincar a hora do lanche, a hora dos deveres como responsabilidades obrigatórias, a hora da higienização e do soninho. Dessa forma a escola atua diretamente com as famílias na concretização de valores morais, sociais que se apresentam na formação infantil e se fortalecem durante as próximas etapas escolares e pela sua repetição. Quando inseridos nesse contexto fica claro identificar e compreender a magnitude do potencial que possuem essas instituições de educação infantil, e que inúmeras crianças já passaram por ali e outras tantas ainda irão passar, ainda salientamos em meio tantas pessoas com

ideais, culturas e costumes diferentes, a inevitável existência de conflitos por conta de inúmeras diferenças estas, já vivenciadas outras vezes por várias outras crianças pelos mesmos motivos.

A importância da participação dos gestores e dos familiares na resolução de conflitos e na prevenção deles é fundamental, vários autores de diversos campos do conhecimento, questionam a função social da escola, no que tange o sistema educacional. Esses autores fomentam argumentos que sustentam a ideia de criar novos conceitos de pensar a escola, não estruturalmente, mas na sua adequação em transmitir os verdadeiros valores que uma instituição de ensino pode, ou deveria transmitir ao aluno. Para formar crianças preparadas para exercer funções sociais, alunos críticos, reflexivos e conscientes de seus direitos e deveres, tendo a compreensão da realidade e sendo aptos a construir uma sociedade mais justa.

3.4 Educação e a cultura de paz

É imprescindível pensar sobre as manifestações violentas, que vem afetando cada vez mais a convivência, e o processo pedagógico dentro das instituições de ensino. A violência social é uma realidade na escola, e está cada vez mais presente no dia a dia, sendo representada através da indisciplina, das agressões, do bullying, entre outras ações que dificultam ou na maioria das vezes, impedem o processo pedagógico.

Ana Maria Freire, inspirada no pensamento freiriano, também contribui nas reflexões sobre a Educação para a Paz, quando aborda sobre necessidades e estratégias subjacentes à Cultura da Paz nas escolas.

[...] afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo, por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto etc. (2003, p.39)

Pensando assim, abrimos uma reflexão para a necessidade de implantar nas escolas uma rota pedagógica que vise o tema em questão, a educação para paz, é vista como um ramo pedagógico que contém território conceitual próprio, que por não haver difusão maior de conhecimentos acaba sendo encarado, como um frágil objeto de pesquisa, diferentemente da cultura de paz que é um movimento permanente de

construção. Durante esta pesquisa inúmeras foram as perguntas que nos fizemos sobre a implantação da educação da paz, dentre elas: como pensar em educação para paz, uma vez que a sociedade, as mídias o entorno da escola, os colegas, reproduzem a cultura da violência? É possível educar para paz na educação infantil, sem pensar em traçar alternativas de prevenção? Como ampliar dentro das instituições de ensino infantil, reflexões sobre a educação para paz? Qual ideia inicial para se propagar a paz dentro das instituições de ensino infantil?

Qual será o objetivo dos seres humanos ao instaurar a paz?', 'O que nos leva a empreender sempre novas tentativas?'. Debruçar-nos-íamos sobre a economia da paz ou sobre as pazes de religião. Observaríamos que não há Ministério da Paz, nem navios de paz. Sublinharíamos que palavra 'guerreiro' não tem nenhum termo simétrico: não existe 'pazeiro' para contrapor a guerreiro; com efeito, os pacifistas não se opõe aos guerreiros mas aos belicistas, o que é diferente. Por ultimo, tentaríamos escrever uma história das pazes, em particular, a história da Primeira Paz Mundial (1918-1939) ou da Segunda Paz Mundial (8 de maio de 1945 – 11 de setembro de 2001)

Droit (2006) lança uma provocação quando nos faz pensar, na inversão dos fatos, nos faz refletir que é natural pensarmos em guerra. Essa provocação se faz necessária para pensarmos nesse entendimento duplo: o primeiro é que a educação para paz, precisa traçar terreno próprio, para futuramente mediar reflexões com a guerra; e o segundo é que não podemos assentir que a paz seja considerada tão pouco, ou simplesmente o antônimo de guerra.

Sendo assim, nos faz refletir que, não possa ser trabalhada a paz, baseada apenas em perspectivas prontas. Nos faz refletir sobre a busca, nos faz pensar em definições, nos faz cogitar o estudo em grupo, nos faz reflexionar os procedimentos pedagógicos, nos faz querer métodos preventivos.

Acaba por levar-nos a aspirar reflexões pedagógicas sobre o ser humano, sobre as convivências, sobre os valores humanos, sobre o processos de mediação de conflitos, enfim, nos faz tencionar uma educação para paz.

E é nesse momento que a Educação Infantil surge como prioridade no combate a essa doença da sociedade moderna. No Brasil, como no mundo a educação para paz, vem construindo como proposta pedagógica, educativa, comprometida com o enfrentamento das discriminações. Essas propostas tem por objetivo promover os direitos humanos, a dignidade da pessoa humana, o respeito, a tolerância e a valorização da diversidade, como bases de uma sociedade multicultural, democrática e cidadã. E o

papel fundamental deste processo, cabe à Educação Infantil, uma vez que a cultura da discriminação é imposta às crianças desde muito cedo.

Freire (2006), nos possibilita pensar à Educação para Paz, como a capacidade de relação crítica e ao mesmo tempo harmoniza com a educação, que nos permite avaliar as violências na escola, reestabelecer os conflitos com o outro, organizando-as pedagogicamente, analisando suas particularidades e seus contextos. Estabelece a forma mais adequada para mediar e/ou resolver todos os enfrentamentos da maneira mais adequada possível, promovendo assim, uma Cultura de Paz, entendida no sentido da convivência social, na diversidade, no cuidado com o outro, no autocuidado, na promoção dos direitos humanos, no repúdio às injustiças sociais, na busca de boas práticas.

Guimarães (2005), em suas pesquisas sobre a educação para paz, mostra caminhos e instrumentos de ação e chama atenção para os círculos de cultura da Paz e oficinas da Paz. Ele considera a educação para Paz como um espaço comunicativo e faz referências da temática com a pedagogia de Paulo Freire, traçando um caminho de recriação dos círculos de cultura.

Os círculos de cultura foram desenvolvidos, inicialmente, por Paulo Freire, no final da década de 50, e tinham como objetivo promover, através da constituição de um grupo de relações, o processo educativo, como apropriação cultural. Alternativo à escola, autoritária por estrutura e tradição, o círculo de cultura tinha como tarefa essencial o diálogo, reunindo um coordenador e algumas dezenas de pessoas do povo no trabalho comum da conquista da linguagem, a partir da discussão de uma palavra geradora.

E assim, concretiza-se o desejo de um projeto de educação para Paz, voltado para a educação infantil, que contribua no desenvolvimento da criança, que venha servir de exemplo até sua fase adulta. Pois acreditamos que será através de uma educação de qualidade que poderemos alcançar a justiça social. E é fundamental mobilizarmos-nos cada vez mais no sentido de tornar esta estrutura educacional da infância, cada vez mais efetiva, permitindo que a educação para paz seja um poderoso instrumento de justiça e inclusão social.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com as afirmações de Demo: “Somente pode ser científico o que for discutível. O autor garante assim relação da ciência e da intervenção considerando a: “ciência como instrumento de intervenção, levando ao questionamento cotidiano, à teoria para intervir e à intervenção para teorizar, à inovação.” (2012, p. 43). Diante das afirmativas é notável que autor vislumbra a pesquisa como o próprio instrumento para a construção do conhecimento.

Esta pesquisa levou em consideração a abordagem metodológica da pesquisa intervencionista do tipo pedagógica. Segundo (DAMIANI *et al.* 2013) a pesquisa do tipo intervenção pedagógica é aquela por meio da qual o pesquisador planeja e intervém, com a intenção de produzir avanços e, posteriormente, avalia os efeitos produzidos. Em seu relato de pesquisa, deve contemplar dois componentes principais:

O método da intervenção deve ser descrito pormenorizadamente, explicitando seu embasamento teórico. (...) Aqui, o foco do autor do relatório deve estar voltado somente à sua atuação como professor (agente da intervenção). O método de avaliação da intervenção tem o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção. (...) tendo o foco na atuação do autor como pesquisador. A avaliação da intervenção (...) é igualmente composta por dois elementos: os achados relativos aos efeitos da intervenção sobre seus participantes e os achados relativos à intervenção propriamente dita (DAMIANI *et al.*, 2013, p. 62).

Pensando assim, partimos para a descrição pormenorizada dos procedimentos metodológicos à serem utilizados durante pesquisa.

A pesquisadora irá intervir diretamente na realidade da Escola Municipal de Educação Infantil Donatos

Freire, nesta perspectiva, afirma que:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer (1977, p. 48).

Seguindo esta perspectiva é que desenvolvemos a intervenção, ressaltando a importância dos sujeitos na pesquisa.

Os sujeitos foram os alunos da turma de maternal II da Escola de Educação Infantil Donatos, a partir daqui EMEI Donatos, que foram levados a desenvolver suas

ações cotidianas na perspectiva de uma educação de paz para todos. Os alunos foram direcionados durante uma semana (20 horas) à participar de ações rotineiras que incluíam propósitos preestabelecidos na perspectiva da cultura da paz de forma lúdica e prazerosa. Anteriormente realizamos uma breve conversa de sensibilização sobre o tema com os pais e responsáveis dos alunos. Permitindo assim, maior conhecimento do assunto e uma oportunidade de integração para favorecer assimilações futuras.

A proposta de intervenção foca na mudança das ações/relações das crianças, e será sempre permeada para a busca sistemática dos conhecimentos, visando um novo caminho na resolução de seus conflitos, na busca da paz, do amor, do carinho pelo outro, assim como o respeito e o cuidado com o que é de todos.

Os responsáveis pelos alunos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido antes do início da intervenção, conforme anexo II.

Os instrumentos de coletas de dados, realizados anteriormente com o grupo de professores do ano anterior, que iriam participar da formação, foram mesmo assim descritos, pois serviram de base, uma vez que foram professores desses alunos que hoje são sujeitos da pesquisa. Estes instrumentos viabilizaram naquele momento o diagnóstico e o estudo preliminar da realidade da EMEI, onde as práticas de paz, não eram realizadas ou nem mesmo reconhecidas. Estabeleceram indicadores que fizeram refletir sobre as características das ações dos professores anteriores da determinada turma, e quanto as ações da escola em relação a uma suposta cultura de paz. Norteou de forma, ainda que rustica, o conhecimento prévio desse grupo de alunos, bem como as dúvidas e aspirações para com a proposta de intervenção.

Sobre a pesquisa documental Gil explica que:

Há dados que embora referentes a pessoas, são obtidos de maneira indireta, que tomam a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos, que são obtidos de forma indireta. Essas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas. Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos. (2008, p. 147).

Nos questionários fechados conforme o apêndice III os docentes responderam as questões, baseados em seu conhecimento prévio do tema e das vivências adquiridas na escola. Estes questionários, possibilitaram uma análise dos dados e subsidiaram um levantamento eficaz. Gil (2008, p. 121), nesta perspectiva, define questionário como:

A técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Para Freire (2006), a importância do exercício do diálogo na leitura do mundo a ser desvelado para o sujeito está na possibilidade de transformar-se e transformar a realidade na qual está inserido.

Deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. (FREIRE & SHOR, 2006, p.122)

A intervenção possibilitou aporte ao estudo e reflexão acerca das relações no cotidiano da sala de aula, embasados numa perspectiva libertadora que apontou e ofereceu sustentação no pesquisa com a finalidade de humanizar as relações na sala do maternal II.

Antecipadamente à realização dos círculos de paz, realizamos um encontro com os pais e responsáveis, para assinarem as autorizações, onde aproveitamos o momento para falarmos sobre a pesquisa. Após explanarmos sobre as especificidades da pesquisa e sobre o tema, os pais também enriqueceram o momento falando das dificuldades de educar nos tempos de hoje, da jornada de trabalho que na maioria das vezes encurta o tempo com os filhos, da violência nas ruas, das drogas, do desrespeito com os familiares ou com o desconhecido.

Durante as intervenções registramos a maioria dos momentos através da fotografia.

A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como constituída de unidades pequenas, em número aparentemente infinito (SONTAG, 2004, p. 33).

Descrevemos a rotina da turma, registrando em um caderno denominado “diário de campo”. No diário registramos informações, diálogos e algumas falas aleatórias colhidas no momento das intervenções, que sucessivamente foram sendo usadas para a redação deste relatório crítico reflexivo.

4.1 Estratégias de ação

A partir da abordagem intervencionista foram realizados círculos de paz, através de ações inseridas nas rotinas, com o intuito de intervir, refletir, discutir e exercer futuras ações referente a temática.

Quadro de rotinas diárias da turma do maternal

Quadro 2. Atividades rotineiras da turma (que por orientação não deveria ser modificado)

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Acolhida 08:00 - 08:45				
Café	Café	Café	Café	Café
Cinema	1º momento	1º momento	1º momento	Prof. Substituta
2º momento	Recreação	2º momento	Recreação	Prof. Substituta
3º momento	3º momento	Culinária	3º momento	Prof. Substituta
Almoço 11:00 - 11:30				
Soninho	Soninho	Soninho	Soninho	Soninho

Fonte: Material da pesquisadora

Quadro 3. Atividades da intervenção

06/05	07/05	08/05	09/05	10/05
Acolhida: Apresentação do novo espaço da sala de aula.	Acolhida: Caixa musical	Acolhida: Caixa Surpresa	Acolhida: Bilhetinho de amor	Acolhida: Baú das fantasias
Partilha matinal	Partilha matinal	Partilha matinal	Partilha matinal	Partilha matinal
-Cineminha do Bem: Parcialmente nublado (curtas da Pixar). - Rodinha: Elaboração da nuvem de combinados - Confeção	-Dinâmica da integração: Música da acolhida. - Hora da Arte: Dobradura e recorte "Todos juntos" - Cartaz -	-Historinha da Paz: Douglas quer um abraço -Roda de conversa: Tipos de abraço. Dramatização: Os abraços de urso.	-Recreação: Dança das cadeiras (Quem sobrou? ninguém) -Troca de bilhetes -A Turma do Téo em: A Árvore dos	-Rodinha de conversa: Como podemos promover a paz? - Livro da Paz (Todd Parr) - Confeção de um mini guia da paz

da nuvem de combinados	Pazeando no maternal		Desejos Ornamentação da árvore dos desejos da sala	
Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
Soninho: música de relaxamento instrumental	Soninho: Canções de ninar	Soninho: Práticas de relaxamento	Soninho: Chazinho da Paz	Soninho: Cheirinho de paz

Fonte: Material da pesquisadora

Todo esse processo realizou-se na perspectiva dos círculos de paz. Essa perspectiva pressupõe que “quem ensina, aprende ao ensinar e, quem aprende, ensina ao aprender”, reconhecendo o educando como participante ativo do processo de construção do conhecimento, promovendo o diálogo entre os saberes informal e formal e o reconhecimento de onde e quando se aprende, também se ensina. A base que fundamenta o Círculo de paz, numa visão freiriana, é o diálogo.

É na palavra pronunciada, que revela o mundo, que os participantes se fazem ao fazer e refazer o próprio mundo, a ação educativa. [...] revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo. (FREIRE, 1987, p. 17)

Freire (1987) em *Pedagogia do oprimido*, define esses círculos e ressalta a importância do diálogo, como elemento essencial no processo educativo.

Complementando o conceito de círculos, Hammes explica:

O processo de aprendizagem proposto por Freire é aquele em que todos aprendem na comunhão de saberes, na dinâmica dos círculos, onde o educador é um animador, aquele que ajuda a descobrir e fixar conhecimentos, assumindo a postura de aprender e ensinar, numa relação dialógica. (HAMMES et al, 2017, p. 105).

Considerando a perspectiva dos círculos de paz, cada ação da intervenção buscou organizar o trabalho pedagógico referenciando os seguintes aspectos: o acolhimento, a definição dos princípios de convivência, a utilização da arte, a leitura de mundo, a problematização, o aprofundamento teórico de forma lúdica, a avaliação e os registros.

O acolhimento, quando cuidamos da organização do espaço para que as crianças se sentissem bem recebidas, e ainda assim soubessem discernir sobre as

mudanças do ambiente, criando uma atmosfera de aconchego na sala de aula, cuidando das relações interpessoais evidenciando o diálogo, o respeito, a valorização de cada um e tendo um olhar atento ao cuidado com o espaço que é de todos.

A definição dos princípios de convivência buscou construir com as crianças as ações de forma participativa e dialógica, definindo os princípios de convivência deste processo, orientando a convivência durante e a partir deste momento.

A utilização da arte, disponibilizando diferentes processos educativo mobilizando as diferentes formas de manifestação humana em favor da educação para paz, valorizando a música, a dança, o teatro, a literatura, a pintura, a fotografia para cultivar o sentimento de pertença, partilha, cumplicidade, construção coletiva e cultivo de valores condizentes com as práticas de paz. Dando destaque para a afetividade, a sensibilidade e as emoções, mobilizando assim a aprendizagem e humanizando o processo.

A leitura de mundo, valorizando os saberes dos alunos a cada etapa desenvolvida, viabilizando o desenvolvimento de sua palavra, voltando-se sobre sua realidade, delineando seus anseios por um mundo melhor, pela (re)invenção da cidadania, comprometendo-se com a construção de novas realidades, familiarizar-se com o conhecimento que eles trazem para que assim construíssem pontes entre o conhecimento informal e o formal.

A problematização do contexto, conduzindo a interrogar, a questionar, a duvidar, a desestabilizar as certezas, a criar novas possibilidades, a nomear o mundo em que vivemos e a (re)nomear o mundo que queremos construir para viver.

O aprofundamento teórico lúdico, partindo dos saberes e do conhecimento, num movimento dialógico de reflexão, aprofundando o conhecimento, a compreensão dos desafios, a identificação de possibilidades nas propostas de paz.

A construção do conhecimento, a partir do diálogo, das reflexões, dos processos da intervenção, criando condições para a construção de novos conhecimentos, a partir da compreensão de cada um dos participantes. Desenvolvendo as temáticas considerando o saber dos alunos e assim se aprofundando nos conhecimentos sobre o contexto em que vivem e relacionando-os ao processo de formação para a paz numa perspectiva emancipadora.

A avaliação dar-se-á na participação de todos os sujeitos envolvidos na intervenção, buscando identificar os avanços e desafios da prática pedagógica.

O registro para a valorização do processo e a sistematização das experiências, visando à construção de novos conhecimentos. Contribuindo para nos fazer entender que os fenômenos sociais são criações históricas, que somos sujeitos do conhecimento e da transformação. Desta forma, o aprender torna-se uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (Freire, 1998, p.77).

Foram propostos cinco dias de círculos de paz, com duração de quatro horas cada círculo. Esses círculos de paz, estabeleceram experiências pedagógicas importantes para análise da intervenção e da mesma forma um ensejo para a reflexão da práxis da pesquisadora. Em todos os círculos de paz, a hora do café deu espaço partilha de alimentos. Savarin afirma que:

O prazer da mesa é a sensação refletida que nasce das diversas circunstâncias, de fatos, lugares, coisas e personagens que acompanham a refeição. O prazer da mesa é próprio da espécie humana; supõe cuidados preliminares com o preparo da refeição, com a escolha do local e a reunião dos convidados. (1999, p.170)

A partilha de alimentos envolveu várias dimensões, entre elas o prazer, as relações e as emoções. Os alimentos servidos, sua apresentação, seus aromas, seus sabores, o ambiente e os participantes envolvidos, todos estes fatores auxiliaram para tornar único aquele momento e a experiência de convívio no círculo de paz.

Os procedimentos metodológicos da avaliação da intervenção pautaram-se nas observações dos círculos, da participação e interação dos alunos, registradas no diário de campo, além de fotografias.

De acordo com Falkembach (1987), o Diário de Campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo descreveu e refletiu com atenção os acontecimentos dos dias das intervenções, e foi considerado um dos principais instrumentos de observação e registro deste relatório, como uma importante fonte de informação.

5. A INTERVENÇÃO E DISCUSSÕES

Descrevemos neste capítulo as ações das intervenções realizadas no período de 06 a 10 de maio de 2019. Consideramos a rotina do dia a dia com a turma e as ações envolvendo a educação para paz.

a) Encontro 1: 06/05- Segunda-feira

Momento 1: Em nosso primeiro dia de intervenção, a chegada e acolhida das crianças foi emocionante, realmente satisfatória, não só os pequenos ficaram encantados com as mudanças do ambiente, os pais, também mostravam-se satisfeitos com as modificações feitas no espaço da sala de aula. A maioria das crianças permaneciam na porta por alguns instantes e os olhinhos corriam ao entrono dos novos detalhes. Cito algumas mudanças que poderão ser observadas nas fotos 1 e 2 a seguir.

A partir daquele momento as crianças dispunham na sala de um tapete emborrachado (tatame), para as atividades da rodinha, tinham o teto decorado com nuvens em MDF, que posteriormente ganhariam propósitos no decorrer da intervenção, foram agraciados com um espaço forrado para guardar seus colchonetes do soninho, sem que ficassem expostos ou até mesmo ao chão.

Figura 4. Fotografia da novo tapete em EVA da sala de aula.



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 5. Fotografia da capa do suporte dos colchonetes



Fonte: Imagem da pesquisadora

O armário principal também ganhou uma capa, com o mesmo tema que ilustrava a sala com uma faixa decorativa com o tema chuva de amor aos tons de azul, rosa e amarelo bebê, o espaço destinado a professora da manhã foi totalmente repaginado, e as crianças ainda foram presenteadas com um aparelho televisor para que pudessem desenvolver não só as atividades da intervenção, mas para as demais atividades durante o ano letivo vigente, que também já estava fixada em sala.

Figura 6. Fotografia da capa do armário principal



Fonte: Imagem da pesquisadora

Destacamos também o anexo de prateleiras de brinquedos e floreiras, tornando assim o ambiente modificado, criando um ambiente visivelmente modificado e condutor de aconchego e cuidado com o que é de bem comum.

Figura 7. Fotografia das prateleiras de brinquedo e floreiras



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 8. Fotografia das prateleiras de brinquedos e televisão da sala



Fonte: Imagem da pesquisadora

As manifestações foram inúmeras, mas a televisão na sala de aula foi a que mais destacou-se, juntamente com o tapete emborrachado que é composto das cores rosa e cinza claro. Outros alunos ainda salientaram sobre prateleiras que destacavam os brinquedos em miniatura de preferência da turma.

Esse momento da acolhida ocupou bastante espaço de tempo, uma vez que, as crianças chegavam em momentos alternados e tudo era apresentado aos alunos e aos pais novamente, importante destacar que os alunos que já tinham chegado na aula, ocuparam o papel do professor na acolhida e recebiam seus colegas, muito entusiasmados falando e apontando as novidades, destacamos sorrisos, pulinhos e palmas, tivemos também umas manifestações com "uhulllll", a alegria foi notória.

Concretizado este momento, fomos para hora do café. O café é oferecido pela escola, e a maioria das crianças desta turma leva o seu, mas mesmo assim não dispensam um pãozinho com manteiga ou doce. Neste momento como de costume os lanches eram expostos na mesa individualmente e cada criança fazia sua refeição, nesse momento antes da distribuição dos lanches, conversamos com as crianças sobre a felicidade que estava sentindo em ver a felicidade deles, e que isso requeria uma comemoração e que iríamos fazer uma festa para comemorar. Surgiram várias perguntas: Que tipo de festa? Quando seria a festa? O que teria na festa? Respondi que a festa seria naquele momento e como de costume como na maioria das festas iríamos nos reunir para comemorar a felicidade que estavam sentindo pelas novidades daquela manhã, e que para isso cada um traria seu lanche para mesa, e que faríamos um grande café com um pouquinho que cada um tinha nas lancheiras. Assim fizemos, e para nossa surpresa notamos, que as crianças se alimentaram melhor e naquele dia diminuiu consideravelmente o desperdício de lanche.

Na hora da partilha dois alunos mostraram-se um tanto quanto desconfortáveis com aquela situação. Foi explícita a desconfortabilidade pela forma como olhavam os demais, servindo-se de seus lanches. Este sentimento não foi manifestado oralmente, nós que observamos, uma vez que já conhecemos as características de cada um.

Quando notamos esse desconforto, pensamos que seria o momento ideal para começar proferir sobre a partilha e a importância do que estava acontecendo ali, do motivo de que comemorávamos por um bem comum à todos, e que com o pouco de cada um, tínhamos realizado uma grande partilha comemorativa. E que todos ali estavam de parabéns.

Quando terminei de falar, alguns ainda lanchavam, outros ainda me olhavam atentos, e um dos meninos pediu "umas palmas" para a nossa sala e para a nossa festa.

Aquela manifestação foi satisfatória, mesmo vinda de apenas um dos alunos, naquele momento senti que algo tinha mexido com eles, e que poderíamos colher dali grandes frutos para o trabalho que estava iniciando.

Após o lanche, realizamos a limpeza da mesa e os alunos dirigiram-se aos banheiros com a professora auxiliar. Ao retornarem à sala, a mesma já estava pronta, luz baixa, almofadas em cima do tatame (tapete de borracha) e a televisão indicava que algo novo estava pra acontecer. Nesse momento as crianças não contiveram suas emoções, uns pulavam por cima da almofadas de outros, outros brigavam pois a almofada estava ficando suja, outros ainda se empurravam para procurar o melhor lugar.

Levamos alguns instantes para tomar a situação e já aproveitamos como de costume na educação infantil, conversar sobre hábitos e atitudes que devemos portar, quando principalmente estivermos no convívio do grupo. Assim que as crianças retomaram seus lugares e acalmaram, explicamos o que iria acontecer ali, que naquele momento iríamos assistir o cineminha do bem, que tratava-se de um desenho que todos deveriam prestar muita atenção e que no final do filme todos iríamos conversar sobre o que tínhamos visto. Neste meio tempo um dos alunos perguntou-me porque o cineminha era do bem, pedi a atenção de todos e expliquei que naquela televisão da salinha do maternal só iriam aparecer coisas do bem, coisas boas, coisas felizes, e que aquele era o momento do cinema.

O curta apresentado era de uma série de curtas da Pixar, intitulado de "Parcialmente nublado". O curta mostra as cegonhas que são encarregadas de levar os bebês para suas respectivas famílias, mas onde elas buscam os recém nascidos? A resposta está na estratosfera, onde as nuvens trabalham esculpindo crianças. Gus é uma nuvem cinzenta e insegura, mestre em criar bebês mal criados. Além disso, ele gera crocodilos, porcos-espinhos, carneiros e muito mais. Suas criações são obras de arte, entregues pelo seu fiel parceiro Peck, uma cegonha. Mas as criações de Gus estavam ficando cada vez mais indisciplinadas. Peck precisava realizar seu trabalho com perfeição e não desanima diante das dificuldades e em nome da amizade que tem com Gus.

As crianças olharam o curta atentamente, faziam comentários a medida que o trabalho de Peck ia dificultando, tentavam descobrir que animal era que estava sendo criado e se surpreendiam quando viam o resultado, faziam comentários sobre sua

espécie e se apresentava algum tipo de risco, as meninas salientavam ter medo da maioria dos animais que Gus criava e sentiam pena da cegonha que precisava lidar com aquela situação.

Figura 9. Fotografia do momento do filme



Fonte: Imagem da pesquisadora

Ao termino, fizemos um círculo de conversa e deixamos a conversa fluir, uns queriam imitar as situações, outros falavam nos animais, uma aluna pediu para ver novamente o curta, depois dos questionamentos, pedimos para que cada um que quisesse falar o fizesse, após esperar sua vez. Um dos meninos questionou o porquê de não mudar a dupla de trabalho, que assim a cegonha Peck, não seria a única a sofrer.

Abordamos sobre a importância de se colocarmos no lugar dos outros, que se talvez tivesse a troca de duplas todas cada dia carregariam um bebê perigoso, e que cada uma iria ficar sabendo do sacrifício que era fazer dupla com a nuvem Gus.

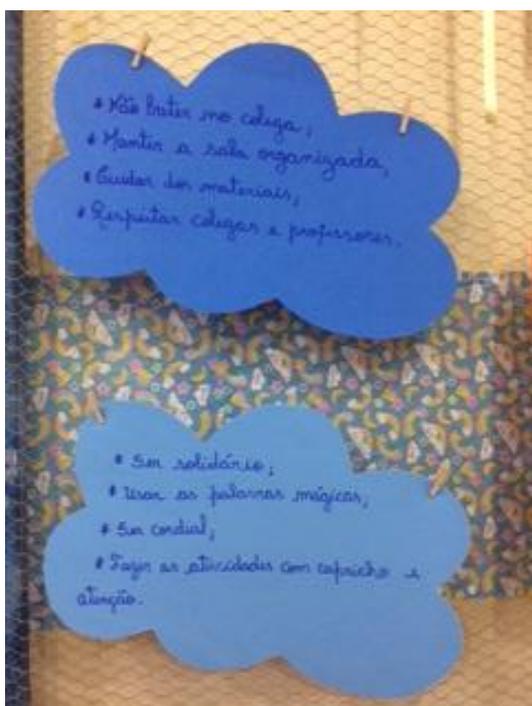
Uma aluna perguntou se só as nuvens escuras faziam animais do mal, outro aluno respondeu que sim, pois as nuvens escuras eram ruins, identificamos aí uma relação de cores e sentimentos, salientamos que os animais não eram ruins, e que eles faziam um papel fundamental no meio ambiente, que apenas o fato de transportá-lo era difícil pelo fato de ser um animal feroz.

Notamos que eles relacionaram as cores com sentimentos, e salientamos que a nuvem não era ruim, por ser escura, uma vez que as nuvens escuras eram assim, por estarem carregadas de chuva e que a chuva também fazia muito bem para a terra, para as plantas e para os animais. E como não poderíamos deixar passar falamos ainda das

cores das pessoas, dos tons da pele. Nesse momento encostei minha mão ao lado da mão do mesmo menino que referiu-se que a nuvem escura era ruim, perguntei para ele que cor era a minha mão, ele respondeu "meio amarelinha" e perguntei qual era a cor da mão dele, e ele respondeu " marronzinha". Encostei meu cabelo ao lado de uma das alunas que tem o cabelo bem ruivo e o meu castanho, perguntei para as crianças qual era mais escuro, responderam que era o meu, perguntei se o meu cabelo era ruim por isso, responderam que não entre sorrisos, então perguntei da cor das mãos, qual era a cor mais clara e qual era a mais escura, o próprio aluno rapidamente respondeu, que a dele era a "mão escura", mas que a mão dele não era ruim. Riram e pediram para assistir novamente o curta e respondi que em breve poderiam voltar a ver, pois agora iríamos construir nossas nuvens de combinados.

Assim que falei sobre a nuvem, surgiram várias perguntas, sobre o que seria uma nuvem de combinados. Convidei para que fossem sentar nos bancos, juntos a mesa para que pudéssemos, conversar e construir nossa nuvem de combinados.

Figura 10. Fotografia das nuvens de combinados



Fonte: imagem da pesquisadora

Comentei sobre os detalhes do trabalho proposto, e que iríamos pensar juntos e que eu iria registrar em uma nuvem, e que também escolheríamos a cor da nuvem. Distribuimos cinco cores material, a maioria optou pela cor azul, uns falaram por ser a mais bonita, outro justificou-se por ser a mais alegre, e outros simplesmente

escolheram. A partir de então partimos para a construção dos combinados, depois de alguns questionamentos, conversas e sugestões, registramos os combinados. Posteriormente anexamos em nosso mural e nos comprometemos à respeitá-las.

Depois do almoço, enquanto as crianças faziam a higienização no banheiro, organizei as camas e esperei com as caminhas prontas com suas respectivas mantas e travesseiros e uma música de relaxamento instrumental ao fundo, com a boca e o dedo indicador fazia o sinal de silêncio, sem mesmo explicar a ação que estava acontecendo ali, eles entenderam o recado e foram entrando na sala silenciosamente, devagar, foram sentando ao chão tirando seus calçados e ainda bem silenciosos, foram deitando em seus lugares e pouco a pouco adormecendo.

b) Encontro 2: 07/05- Terça-feira

No segundo dia de intervenção, as crianças foram recepcionadas com uma caixinha musical que tocava uma música gravada pela professora/pesquisadora deste trabalho, a música era composta por duas frases, propositalmente para fácil compreensão das crianças, uma vez que deveriam escutar, para utilizá-la em seguida.

Acharam engraçado, pois rapidamente reconheceram a voz, distribuímos uns brinquedos no tatame e deixamos que eles se integrassem ao momento. Comentaram que a música era repetitiva, pois falava sempre a mesma coisa e que parecia muito com a voz da professora na caixinha. Na caixa tocava a música: "Quanto mais andamos juntos, andamos juntos, andamos juntos. Quanto mais andamos juntos, mais amigos seremos. Porque o meu amigo é o teu amigo e o teu amigo é o meu amigo."

Em seguida organizamos as crianças para o lanche e mais que rápido um aluno perguntou se hoje também era um lanche "convidado", respondi dizendo que sim, que foi muito interessante o dia anterior, que eles tinham se alimentado bem e que iríamos refazer.

Ouvimos uns gritos de "eba" e umas palminhas, sentaram em seus lugares rapidamente e demonstravam ansiedade para saber o que o outro tinha para partilhar. Realizaram a partilha com entusiasmo, e os alunos que no dia anterior mostraram-se indiferentes, quanto a troca, hoje procederam de forma natural e um deles ainda insistia aos colegas oferecendo o seu lanche.

Após o lanche, a organização do espaço e a ida com as crianças aos banheiros, convidamos para que sentassem ao redor do tatame para ouvirem mais uma vez a música de acolhida, pois chegava o momento de realizarmos uma atividade com aquela

música. Treinamos a música com o auxílio da caixinha, depois desafiei-os para que sem a caixa cantássemos a música, e por fim ainda anexamos palmas ao ritmo da música. Depois dos treinamentos, explicamos como consistiria a brincadeira, que tratava-se de um trem musical que ao percurso ia arrecadando amigos e ao longo do trajeto iria ficando cada vez maior, ou seja com mais amigos. Ficamos de pé para início da atividade de integração, a professora pesquisadora foi a primeira a cantar a música e apontar para um determinado aluno que seguiu atrás dela e assim cantaram para outro aluno que seguiu atrás deles. Desta forma iam cantando e a fila do trem aumentava sucessivamente. Em um determinado momento percebemos que a turma do maternal B que estava no pátio atentamente cuidava a atividade que estava acontecendo, quando neste momento, quebramos o protocolo e saímos ao pátio cantando a música, a primeira a entrar na fila foi a professora auxiliar da outra turma, as crianças entraram na brincadeira e foram participando da integração até o final dos alunos estarem no trem.

A atividade que tinha por propósito integrar a turma entre si, saiu do script e acabou realizando uma integração maior e muito satisfatória, uma vez que participaram outros colegas da mesma faixa etária. Ali mesmo, no pátio da escola, finalizamos a atividade, falando da importância da amizade e de ter muitos amigos. Que o trem saiu da sala, bem pequeno no início do percurso, porém ao chegar ao pátio da escola duplicou de tamanho e outras crianças integraram-se, conheceram-se e alegraram-se com aquele momento. A atividade não parou por ali, pediram "bis", e novamente fizemos a atividade que gerou curiosidade das outras turmas e que mais uma acabou saindo para o pátio.

A atividade tomou um tempo maior do que o programado, porém atingiu além dos objetivos esperados.

Ao retornarmos para sala de aula, antes da atividade programada, realizamos uma volta calma, pois as crianças encontravam-se muito agitadas, utilizamos uma música instrumental e a técnica da respiração, já conhecida pelas crianças.

Logo em seguida, ocuparam seus lugares e atentos escutavam as instruções da próxima atividade. Neste momento ouvi uma discussão de lugares, pois um aluno teria sentado no lugar do outro. A discussão, levou alguns minutos, ouvi choro e levamos mais um tempinho para dar continuidade a atividade.

Receberam folhas já moldadas, que deveriam ser dobradas e posteriormente recortadas, a turma de maternal já iniciou o trabalho com a tesoura, a maioria destaca-se e os que ainda apresentam dificuldade, foram auxiliados pelas professoras.

Houve um pouco de tumulto nesta atividade, pois com a dobradura, os papeis ficaram mais grossos e dificultava o recorte, demoramos um pouco mais de tempo, porém as crianças se dispersavam, queriam ajuda ao mesmo tempo. Fomos aproveitando o momento e falando da espera da vez, da ajuda que era importante, mas que éramos apenas duas para ajuda-los.

Fomos ajudando cada aluno, mas a ansiedade tomava conta, ao final do trabalho quando todos foram atendidos, sentamos na roda para mostrar as dobraduras e nomear os personagens da atividade.

A maioria dos alunos escolheu o nome dos colegas para nomear os bonecos da dobradura, dois dos alunos mesclaram em família e colegas, uma das meninas, junto ao nome dos colegas, pediu para que escrevêssemos o nome de dois dos seus animais de estimação. Tanto a professora auxiliar, quando a professora/pesquisadora, foram citadas nas dobraduras.

Após a escolha dos nomes nos bonecos das dobraduras, expusemos as mesmas em mural intitulado "Pazeando no maternal".

Figura 11. Fotografia do cartaz confeccionado na atividade



Fonte: Imagem da pesquisadora

Falamos sobre a paz e que todos que estavam descritos naqueles bonequinhos, além de estarem para sempre juntos, estavam em paz, pois a paz era sentir-se bem, sentir-se amado, que todos nós, tanto os bonecos, quanto os colegas estavam pazeando, estavam desfrutando da paz. Ao final da atividade, à pedido de uma das alunas cantamos mais uma vez a música de integração, só que desta vez para o mural, foi interessante, eles demonstraram bem envolvidos, a música terminou com muitas

palmas, e dois alunos que estavam bem próximos do cartaz fizeram menção de abraçar a parede.

Em seguida dirigiram-se ao refeitório com a professora auxiliar, enquanto isso era preparado o momento do soninho, organizando colchões e mantas e uma surpresinha de baixo do travesseiro para o momento de despertar.

Ao chegarem na sala, já podiam escutar a canção de ninar que tocava bem baixinho, em uma caixinha de música, no chão próximo aos colchões. Neste dia também colocamos essência de bebe em um difusor para a hora do sono. Pedi aos alunos que prestassem atenção aos som e a cheiro na sala, uns faziam comentários, enquanto outros já com sono, iam dirigindo-se aos seus lugares e acomodando-se para dormir. Uma das meninas encontrou o pirulito de baixo do travesseiro, discretamente mostrou para as professoras, que lhe explicaram que se tratava de uma surpresa para a hora de levantar e que naquele momento ela seria a encarregada de avisar os alunos. Não iríamos fazer desta forma, iríamos avisar para as crianças, mas aproveitamos o acontecido e mudamos consequentemente. A professora do turno da tarde, comentou que ao acordarem a aluna fez como o combinado, avisando aos colegas da existência de um pirulito de baixo de seus travesseiros, a professora relatou que todos ficaram felizes e comentaram que deveria ser um pirulito de "paz".

c) Encontro 3: 08/05- Quarta-feira

Neste dia recebemos os alunos com uma caixa surpresa em cima do tatame, nada falamos sobre o que se tratava, apenas que alguns tinha deixado ali. Cada criança que chegava, tinha uma hipótese, conversavam, sacudiam a caixa, cheiravam, davam muita gargalhada, a ansiedade estava a flor da pele. Enquanto isso manuseavam peças de encaixe que ficam à disposição durante o momento da chegada.

Às nove horas nos organizamos para o café diferente dos outros dias. Levamos um bolo de chocolate para compartilhar, eles adoraram a ideia, perguntaram se o lanche deles não viria para a mesa, respondemos dizendo que sim, só que o diferente era que naquele dia as professoras também estavam compartilhando daquele momento.

Perguntamos se teria algum voluntário para contar e servir o bolo, uma menina e um menino prontificou-se, ficando combinado que a menina cortava e o menino servia e assim fizeram, neste dia as professoras também participaram da partilha de alimentos.

Figura 12. Fotografia da partilha do bolo de chocolate



Fonte: Imagem da pesquisadora

As crianças gostaram do bolo, e falaram de sua preferência pelo bolo de chocolate.

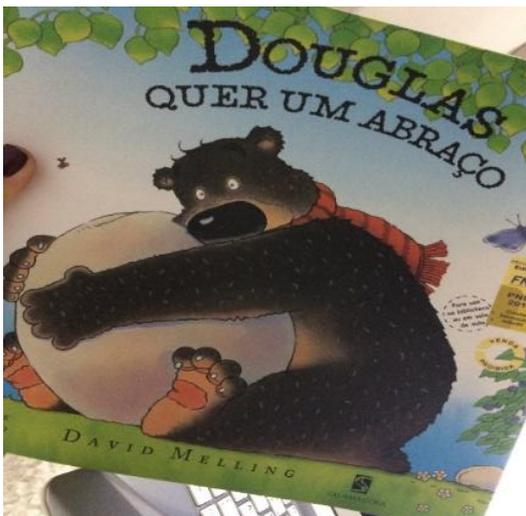
Uns comentaram estar acostumados à comer bolo em casa outros comentaram que a mão nunca vazia bolo. Uma das meninas comentou que ajuda sua mãe com algumas receitas na cozinha.

Após a ida ao banheiro, as crianças foram direcionadas ao tatame para descobrir o que havia na caixa surpresa. Sentaram todos em volta do tatame, e a caixa passou de mão em mão e assim, todos deram seu palpite, sobre o que poderia ter na caixa surpresa.

Foram várias sugestões, entre elas, pirulito, balas, bola de futebol, caixa de som, fantasia, brinquedo novo, bolo de chocolate e outros não sugeriram.

Pedimos para que fechassem os olhos, abrimos a caixa e passei de mão em mão para que cada um tocasse o livro que estava ali. Ao manuseá-lo alguns alunos já identificaram que se tratava de um livro, outro pensou que fosse uma revista, à medida que palpitavam abriam os olhos, e iam observando os outros e o livro da caixa.

Figura13.Fotografia do livro: Douglas quer um abraço



Fonte: Imagem da pesquisadora

Com todos os alunos de olhos abertos, descobriram que se tratava de dois livros e não um, como pensavam, notaram também que os livros eram iguais, que a diferença que tinha entre um e outro, era que um estava novo e outro velho.

Questionamos as crianças quanto ao estado de um dos livros, se a condição de velho estaria correta ou de má conservação.

Eles se olharam, pensaram e um dos alunos falou que o livro estava rasgado e perguntou quem teria feito aquilo. Outro aluno salientou que a capa estava amassada. Pedi a eles que folhassem o livro estragado, enquanto eu folhava o outro livro, notaram a falta de algumas páginas. Ao folharmos o livro a atenção que estava voltada para as condições de conservação do livro, passou para o conteúdo da história. Então conversamos com eles que antes de ouvirem a história, iríamos conversar sobre os cuidados que deveríamos ter com o livro, com as coisas da escola, com a coisa pública, que é de todos.

Ouviram atentamente, quietos, prestavam atenção e não conversavam, foi quando perguntamos vários certos e errados, como por exemplo o que era certo fazer com o livro e o que era errado fazer com o livro.

Uma aluna contribuiu dizendo que uma vez tinha ganho um livro e que tinha riscado, sua mãe explicou que não poderia fazer aquilo, pois poderia não enxergar na hora de ler o livrinho para ela.

Um dos meninos salientou que o livro rasgado deveria estar triste, e que o livro inteiro deveria estar rindo dele. Intervimos dizendo que o livro inteiro também deveria estar triste, pois não gostaria de ver um outro livrinho rasgado e faltando pedaços. Os

alunos concordaram e demonstraram estarem tristes com a situação em que se encontrava o livrinho, pegavam ele carinhosamente e faziam carinho no livro.

Nesse instante pedimos a atenção de todos, e distribuímos as almofadas, falamos que eles estavam prestes a escutar uma bela história de urso chamado Douglas.

O livro contou a história de um urso que se chama Douglas, que um dia acordou com vontade de ganhar uma abraço. Então resolveu sair para procurar alguém que pudesse fazer isso. Por querer tanto ser abraçado, ele toma a iniciativa e sai abraçando uma pedra enorme, uma árvore, um arbusto, vários animais. Depois de testar, diversas formas de abraço, Douglas começa a reparar nas características que identificam o melhor abraço.

As crianças ficaram muito atentas, na fala da professora e nas imagens que ilustravam as páginas do livro. As imagens do livro conseguem criar uma aproximação com quem as observa e ao mesmo tempo são ilustrações divertidas e encantadoras. Eles estavam encantados com a história e divertiam-se com as ilustrações. Quando o livro falava dos tipos de abraço, as mãozinhas ansiosas, já faziam gestos imitando as ilustrações do livro, não foram feitas intervenções nesse momento, deixamos que se manifestassem, só pedíamos por silêncio, uma vez que viesse a prejudicar a escuta do grupo.

Ao final da história, deixamos um espaço para as manifestações do grupo, falaram do que mais gostaram, dos desenhos, se as ovelhas em que Douglas sentou em cima ficaram vivas, falaram que gostaram do Douglas, que gostaram da história.

No meio da conversa um dos meninos, falou de um tipo de abraço, e era justamente aí que queríamos chegar, pois a outra atividade que desencadeava-se desta, era exatamente essa, o relato e a reprodução dos tipos de abraço. Retomamos as diversas formas de abraço apresentadas no livro e aleatoriamente as crianças iam as reproduzindo no centro da roda. Em alguns momentos equivocava-se com a posição dos braços e os colegas auxiliavam pois estavam observando no livro.

O auxílio para as formações de abraço foram constantes desde o início da atividade, todos os alunos participaram no centro da roda, dramatizando os tipos de abraço, até mesmo alguns casos que evitam esse tipo de participação. As duplas ou trios que participavam do abraço foram escolhidos aleatoriamente, o aluno era perguntado sobre qual abraço gostaria de representar e escolhia seu parceiro. As professoras foram surpreendidas ao também serem selecionadas para a dramatização.

Figura 14. Fotografia da hora da história: Douglas quer um abraço



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 15. Fotografia da dramatização de abraços



Fonte: Imagem da pesquisadora

Em meio à atividade fomos chamados para o almoço, e combinamos repetir em outro momento a atividade realizada ali, a receptividade ao contato físico foi salientada na reação de cada criança, quando realizaram com prazer a atividade.

Enquanto os alunos foram para o almoço, os professores ficaram organizando o espaço para a técnica de relaxamento, posicionamos as camas em formato de círculo, onde todos viam o meio e todos se viam. Ao chegarem do banheiro perguntavam o que estava acontecendo ali, chegaram a comentar que alguém tinha arrumado as camas de forma errada.

Expliquei que nós mesmas tínhamos arrumado os colchões e que tinha sido proposital, pois antes de dormir iríamos realizar uma sessão de relaxamento.

A turma está acostumada com a palavra relaxamento, não foi novidade, pois já realizaram algumas sessões no início do ano. Só que neste momento seria realizada de forma diferente e com outro propósito.

Colocamos uma musiquinha de fundo, e demos início a prática. Induzimos as crianças a sentir o que acontece em cada parte do corpo durante as orientações. Pedimos para sentirem que o ar entra pelo nariz, que a barriga aumenta de tamanho e que, em seguida, o ar sai. Nesse momento cuidávamos para que a respiração fosse natural. Depois começamos a contar a duração da inspiração, a permanência do ar no corpo e a expiração.

Com os exercícios de respiração, as crianças foram sentindo-se relaxadas e pareciam experimentar uma gratificante sensação de tranquilidade. Logo em seguida fomos orientando para que lentamente fossem deitando-se e tapando-se em seus colchões, e a partir daí só o barulho da música ouvíamos.

É de costume as crianças dormirem antes das professoras saírem e nesse momento ficam com outros profissionais, nesse dia como as atividades ocuparam um maior espaço de tempo, as professoras despediram-se e as crianças estavam deitadas, mas nem todas já adormecidas. Foi quando escutamos uma voz de um aluno, falando bem baixinho que queria dar-nos um abraço de até logo, nesse mesmo momento fomos de encontro ao menino e ganhamos um caloroso abraço, seguindo o exemplo, outros três alunos que ainda não dormiam, também nos abraçaram.

d) Encontro 4: 09/05- Quinta-feira

Neste dia acolhemos os alunos, com recadinhos do coração, estavam espalhados pela mesa da sala de aula, vários corações, e cada um trazia um recadinho carinhoso, na mesma perspectiva, deixamos que manuseassem, pensassem e discordassem seus pensamentos sobre o que seria aquilo. Realizaram trocas, empilharam e depois perguntaram o que estava escrito, quando lemos o segundo recadinho que descobriram, que o conteúdo de um deferia do outro, foi uma chuva de pedidos para ler o que dizia em seu recadinho.

Figura16. Fotografia da atividade dos recadinhos no coração



Fonte: Imagem da pesquisadora

O recadinho do coração foi confeccionado em material emborrachado e tinha formato de um coração, e o recado que cada um trazia consigo era uma palavra que classificamos de palavras bonitas. Cada um escutava e repetia seu recado, um dos alunos que tinha a palavra respeito, perguntou o que era, explicamos dizendo que era um sentimento positivo, e tratava-se do ato de respeitar, uma aluna contribuiu dizendo que sua mãe sempre fala quando a deixa na escola "respeita as prô".

Assim fomos abordando várias palavras, tais como, carinho, partilha, ajuda, perdão, felicidade, alegria, amor, gratidão, esperança e etc. A menina que ficou com a palavra partilha, relacionou com os lanches que vinham acontecendo na semana. Quando lemos sua palavra ela disse que já sabia o que era, que o recadinho dela dizia para dividir o lanche. Comemoramos a percepção da aluna e complementamos ampliando esse pensamento, de que não só o lanche, mas todas as coisas que poderíamos dividir com o outro ou até mesmo doar-se pelo outro. Reservamos os bilhetes no canto da mesa e fomos fazer o lanche. Em combinado com as mães, naquele dia, todas as crianças levaram sanduiche, de diversas formas e recheios.

Para a surpresa deles, naquela manhã o café foi acompanhado com uma porção de qualidades de sanduíches, demonstraram estar surpresos com a coincidência, e ansiosos para saborear, a escolha do sanduiche foi uma dica das mães que sugestionaram a medida que todos gostam de sanduiche. Foi um momento prazeroso, divertido e acima de tudo muito gosto, falavam dos sabores, dos formatos, da padaria do bairro, onde a mãe compra o pão. Alguns comentaram ter visto a mãe preparar o lanche,

outros não. Uma aluna comentou que poderia ser uma surpresa das mães. Lancharam muito bem naquele dia, tomaram seus leites e sucos e compartilharam dos sanduíches. Falamos do carinho que as mães tiveram com o preparo do alimento e de tudo que realizaram para aquela mesa estar linda e muito gostosa.

Figura 17. Fotografia da partilha de sanduíches



Fonte: Imagem da pesquisadora

Após o lanche e o banheiro, convidamos as crianças para empossarem-se de seus recadinhos, agora já sabendo de seus significados e escolher um colega para presentear com este coração. Aconteceram várias trocas, uns receberam mais de um recadinho, mas todos receberam pois tínhamos uma quantidade maior de recados para que ninguém ficasse sem receber. As trocas foram realizadas por afinidade, e as professoras todos fizeram questão de presentear.

Na quinta feira temos um horário de recreação no pátio da escola, neste momento aproveitamos para desenvolver uma atividade com espírito participativo e de cooperação. Utilizamos uma brincadeira tradicional, porém mudamos suas regras. Na recreação de hoje a atividade proposta, foi a dança das cadeiras. Reunimos as crianças e explicamos a brincadeira. Colocamos a música e todos começaram a dançavam. Quando a música foi interrompida, todos procuraram sentar em um lugar, utilizando os recursos que estão no jogo: cadeiras e pessoas. Alguns alunos sentavam-se nas cadeiras, outros no colo uns dos outros. Em seguida, uma das professoras retirava uma cadeira e continuava a música. Ninguém sai do jogo e a dança continua, todos muito entusiasmados não queriam parar de dançar, não teve brigas, nem empurrões, todos

participavam alegremente aproveitando a brincadeira, pois sabiam que ao final da música, todos teriam onde sentar.

Ao final da brincadeira, quando já tínhamos retirado a maioria das cadeiras e uns precisavam sentar no colo dos outros, uns caíam e rapidamente eram auxiliados pelo outro, pois cada um precisa ocupar um certo lugar, para que o colega pudesse sentar. Repetimos a brincadeira por duas vezes à pedido das crianças.

Figura18. Fotografia da atividade da dança das cadeiras



Fonte: imagem da pesquisadora

Figura19. Fotografia da atividade da dança das cadeiras



Fonte: Imagem da pesquisadora

Posteriormente, preparamos a sessão de cineminha onde as crianças assistiram "A Turma do Téo em: A Árvore dos Desejos". Téo e Gabriel são dois carrinhos de brinquedo, que durante o filme procuram a árvore dos desejos. Eles a encontram mas não é tão fácil assim de conseguir a maçã mágica da árvore. Após fazerem os seus pedidos, eles ficam aguardando a realização para ver se a Árvore é Mágica de verdade. O enredo da história instiga as crianças a questionarem sobre verdades e fantasias, mas mesmo assim põem os sonhos em primeiro lugar. O filme além de ser direcionado para a faixa etária deles, era rico em cores e animações, chamou bastante atenção das crianças. Ao final do filme falamos sobre os desejos de Téo e Gabriel e de como um se esforçou para realizar o pedido do outro, sem o auxílio da magia da árvore. Que isso era um sentimento de carinho, de amor, de atenção que um sentia pelo outro, pois acima de tudo, eles eram amigos, colegas e precisavam viver em harmonia e alimentar os seus sonhos.

Seguindo esse eixo, convidamos aos alunos para ornamentar a árvore dos sonhos, plantando sentimentos, sentimentos bons que desejassem que brotasse, que nascessem em nossa sala de aula, a árvore dos sonhos, e os desejos afixados na mesma com post-its coloridos foram sentimentos escolhidos pelas crianças, sendo eles: amor, amizade, carinho, esperança, respeito, paz, ajuda e partilha, os demais foram orientados pelos professores, e as escolhas foram: coragem, generosidade, bondade, honestidade e igualdade.

Neste momento suas atenções estavam voltadas para a ornamentação, plantar os sentimentos na árvore, todos queriam fazer ao mesmo tempo, falavam bastante enquanto esperavam sua vez.

Um dos alunos perguntou se precisávamos regar, explicamos que a forma correta de regar aquela árvore seria o reflexo das nossas ações diárias em sala de aula, que precisávamos desempenhar aquilo que estávamos plantando, pois só assim iria crescer esses sentimentos em nós.

Após o almoço, antes do soninho as crianças foram recepcionadas na sala com o nomeado chazinho de paz, um chazinho de camomila, bem docinho e morno em copinhos de cafezinho, a maioria dos alunos provou, dois ressaltaram não gostarem de chás. Falamos que o chá da paz, trazia a calma e aquecia eles para dormirem tranquilos e quentinhos. As professoras também tomaram um chá junto aos alunos. A maioria apresentou receptividade com a ideia de um chá trazer boas sensações, um aluno afirmou estar sentindo-se quentinho, depois desse depoimento, a maioria já estava com

sono e quentinho, os depoimentos forçavam as reações expostas pelas professoras, foi bastante divertido, alguns mal encostavam a boca no copo e já sentiam as eficácias do chá da paz.

Figura 20. Fotografia do chazinho da paz



Fonte: Imagem da pesquisadora

e) Encontro 5: 10/05- Sexta-feira

O início do encontro de sexta-feira, foi regado de muita fantasia. As crianças foram recepcionadas com o baú de fantasias, um baú existente na aula, que foi utilizado três vezes durante este ano, e que causa bastante repercussão entre as crianças.

O baú encontrava-se em cima do tatame e fechado, todas as atenções estavam voltadas para ele, a medida que iam chegando as crianças, ansiosos perguntavam se já podiam brincar.

Comunicamos que deveriam esperar a chegada dos demais, porém poderiam ir pensando em uma fantasia para o dia de hoje.

Assim que chegaram todos os alunos, sentamos no tatame. Explicamos para as crianças que após aberto o baú de fantasias, cada um escolheria uma fantasia. E que na hora que colocassem a roupa escolhida, tornar-se-iam um super-herói. Muitas expectativas para a abertura do baú, alguns conflitos aconteceram no momento, devido a escolhas das roupas, ficamos observando as situações, chamamos atenção de que o baú

estava cheio de fantasias e que podiam alternar o uso das mesmas, não sendo necessário a briga pelas roupas. Aos poucos e com ajuda dos professores foram caracterizando-se e escolhendo quais super-heróis seriam. Saliento que a maioria das roupas não eram de super-heróis, a caracterização dar-se-á por conta de suas imaginações e não referente a roupa.

Depois de vestidas as crianças dirigiram-se a mesa, no dia de hoje os pais foram orientadas a não mandarem lanches, pois o mesmo ficaria à cargo da professora.

Arrumamos uma mesa bem bonita, tinha cachorro quente, bolo e pão de queijo, para acompanhar suco ou café com leite. Comemoramos aquele momento como uma festa, compartilhando os alimentos e conversando sobre os cuidados que devíamos ter com a nossa saúde, assunto que surgiu, devido alguns alunos estarem doentes. Realizamos o lanche, em seguida fomos para o tatame. Lá explicamos como consistiria a atividade, que eles eram todos super-heróis e que iriam trabalhar a favor do bem.

Que eles deveriam ter ideias de como fazer o bem. Que cada um desses super-heróis deveria lutar por uma causa. Falamos vários exemplos e deixamos a imaginação deles fluir.

Surgiram diversos super-heróis: um aluno escolheu ser o super-herói do abraço, outro escolheu ser o herói da justiça, uma menina queria ser a super-herói do carinho, outra escolheu ser a protetora das plantas. Nos casos dos alunos que não se manifestaram, orientamos dando opções de super-heróis, dentre eles: super-herói do respeito, super-herói da amizade, super-herói da igualdade, super-herói da diversão, super-herói dos sonhos, super-herói da fé, super-herói da saúde, super-herói da união e super-herói da felicidade.

Depois da escolha dos heróis problematizamos, perguntando se algum aluno se arriscaria a falar sobre qual seriam suas obrigações quanto super-herói.

A protetora das plantas, falou quer iria cuidar das plantinhas, o super-herói doo carinho disse que precisava fazer carinho nas pessoas, o super-herói do abraço, disse que deveria dar abraços como o urso Douglas, a super-herói da fé, disse que oraria pelas pessoas.

Logo após as manifestações, salientamos algumas características dos super-heróis que não tinham se manifestado e falamos de suas importâncias e características.

Organizamos o espaço para a história e ouvimos a leitura do livro da paz, neste livro de Todd Parr as crianças ouviram sobre a verdadeira paz e que ela está nas pequenas coisas: no auxílio ao próximo, na divisão da comida, na manutenção da sala

limpa, em tirar uma soneca, escutar uma boa música ou simplesmente em fazer novos amigos. As crianças participavam da leitura da história, uma vez que as ilustrações falavam por si só. Em determinados momentos eles já falavam o que eu iria ler sobre a história. A cada virada de página uma nova expectativa, uma descoberta. As conversas surgiam com as mais diversas sugestões sobre o que ser a paz.

Destacamos quando uma aluna disse que a paz era tudo o que tinha de bom, outro aluno comentou que ficava em paz quando andava de bicicleta. Várias foram as tentativas de tentar adivinhar o que as letras do livro queriam dizer, podemos dizer que foi uma leitura em conjunto. Repetiram durante várias vezes a palavra paz ao final da história, ao manusearem o livro, apontavam o acontecimento e relatavam perfeitamente. Ficaram manuseando os livros por alguns minutos enquanto as professoras organizavam a próxima atividade, a conversa nunca cessou, enquanto uns folhavam o livro outros falavam sobre novas formas de estar em paz, como comer sorvete, ir à praia, estar de férias e ver televisão.

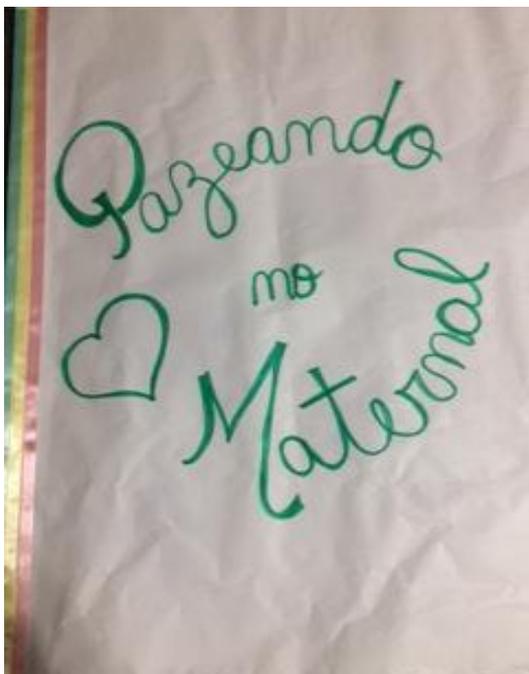
Finalizando as atividades do dia, apresentamos às crianças um bloco de folhas A3 em formato de livro, com a totalidade de seis páginas, onde as crianças com o auxílio das professoras iriam confeccionar um mini guia sobre a paz, um tipo de indicações de onde encontrá-la.

Como se tratava de um bloco de folhas A3, preferimos realizar a atividade no chão, pedimos ideias do que escrever ali, para que quando as pessoas lessem, soubessem onde encontrar a paz. Conversamos que após as frases escritas pelas professoras, faríamos os desenhos para que eles pudessem pintar, para ficar colorido assim como no livro que acabávamos de ler.

Depois da escolha das frases, passamos para a escrita no guia da paz. Posterior a escrita devolvi as folhas do guia para que as crianças pudessem pintar as ilustrações.

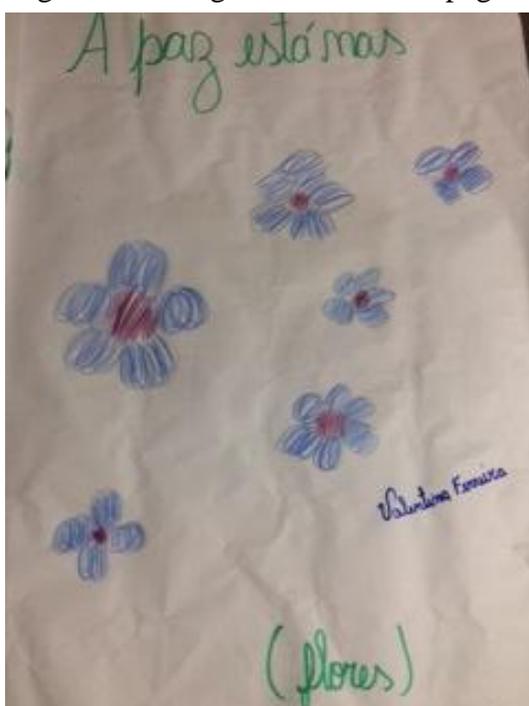
As crianças pintaram as ilustrações com diversas cores que ficaram disponíveis nas caixas, uns levaram para casa para terminar com os pais, na última folha resolveram utilizar várias cores, pois falaram que deveria ficar bem colorido.

Figura 21. Fotografia da capa do guia da paz



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 22. Fotografia de uma das páginas do guia



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 23. Fotografia de uma das páginas do guia



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 24. Fotografia de uma das páginas do guia



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 25. Fotografia de uma das páginas do guia



Fonte: Imagem da pesquisadora

Em seguida foram para o almoço e ao retornarem foram recebidas com sachês de camomila ao lado de seus travesseiros, chamamos de cheirinho da paz. Ao perguntarem sobre para que servia, disse que era um tipo de companhia para o sono, que aquele cheirinho fazia com que pudessem ter um sono tranquilo, e que provavelmente sonhariam, e teriam muitas ideias para que futuramente pudéssemos aumentar as folhas do nosso guia da paz. Para que ele se tornasse um livro muito grande, com muitas páginas, e que ajudasse muitas pessoas.

Figura 26. Fotografia do sachê de camomila



Fonte: Imagem da pesquisadora

Figura 27. Fotografia do sachê de camomila no travesseiro do aluno.



Fonte: Imagem da pesquisadora

5.1 Avaliação da intervenção

Para que fosse possível registrar e analisar as ações em sala de aula, todo o processo foi minuciosamente registrado no diário de campo, como já descrito anteriormente. Também usamos as fotografias. Compatibilizamos com Damiani (2008), ao apontar que o método de avaliação da intervenção necessita da especificação dos “instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para tal intervenção” (DAMIANI, 2012, p. 8). Desta forma, descrevemos. A fotografia tem grande potencial nas pesquisas, desde que bem empregada, pois é o registro de um momento único que poderá ter várias interpretações, dependendo da forma que é empregada e do aspecto que estará servindo de estudo. Com isso destacamos que as fotos foram realizadas, pela pessoa responsável de retratar tais situações, cuidando sempre dos detalhes à serem registrados.

A partir das anotações do diário de campo e das fotografias, organizamos o material, considerando um processo de categorização, como afirma Fiorentini e Lorenzato (2006, p. 134), é “um processo de classificação e de ordenação de informações em categorias, isto é, em classes ou conjuntos que contenham elementos ou características comuns”. Desta forma, organizamos os materiais evidenciando as práticas de paz na rotina da turma, agrupando os registros e as fotos que mais se aproximavam. Desta forma, separamos em três grupos: “Vivências de paz, no cotidiano da educação infantil”, “Transformações, frente as práticas de paz” e “Ação, reflexão e crescimento na perspectiva da educação para paz”, que serão tratados no próximo capítulo.

5.2 Vivências de paz, no cotidiano da Educação Infantil

Neste capítulo, serão apresentadas as análises da intervenção, considerando as vivências de paz no cotidiano da educação infantil. De acordo com o Manifesto 2000 (UNESCO 1999), a responsabilidade individual com a paz e os valores humanos deve se tornar uma cultura, onde as atitudes seja mais tolerantes, solidárias e generosas, buscando um envolvimento na própria escola, em suas famílias, em seu bairro, cidade ou região.

Durante a realização das intervenções notamos a ansiedade das crianças pelas informações que estavam sendo trazidas, dia após dia sobre as questões solidárias de amor, respeito, tolerância que giravam em torno da proposta da paz.

Durante o início das atividades, as crianças encontravam-se um pouco tímidas, pouco abordavam sobre o assunto, talvez pelo receio com o tema desconhecido, porem ao desenvolver das atividades, os alunos começaram a participar e intervir nas provocações, quase que espontaneamente, de acordo com suas especificidades.

A satisfação ao encontrar a sala de aula toda arrumada e envolvida em detalhes que foram pensados e organizados de acordo com as preferências desses alunos resultou em olhares, suspiros e sorrisos de alegria. O ambiente de uma sala de aula de educação infantil deve ser agradável e prazeroso, de maneira que promova relações estimuladoras de desenvolvimento da criança com o professor, com os estudos, com outras crianças e com as regras.

É nesse meio que, ao estender a mão em busca do objeto, ela [a criança] adquire a noção de distância; é nele que a mãe aparece e desaparece, desligada do seu corpo; é ainda nele que exercita o seu domínio, equilibra-se, caminha e corre. (...) É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas (Lima, 1989, p. 13).

Todos ficaram contentes em encontrar a sala modificada, não só as crianças, mas os pais e responsáveis, também se manifestavam quando a nova organização. Interessante destacar o alerta que os pais faziam diante das novidades, diziam que a sala estava linda e deveriam ajudar a professora a mantê-la assim. Outros brincavam dizendo que agora as crianças não iriam querer voltar para a casa.

Duas mães deram parabéns para as professoras pela dedicação e orientou que seus filhos também o fizessem. As crianças não fizeram isso verbalmente, mas entendemos o gesto com um abraço e um beijo.

Na hora do lanche, no momento em que as crianças foram surpreendidas com a partilha, nem todos os alunos ao primeiro momento, tiveram uma boa reação, referente a proposta, um menino e uma menina, ficaram um tanto quanto desgostosos com a situação. Neste momento intervimos perguntando ao aluno se gostaria de participar e repeti novamente sobre a logística da proposta.

Diante de uma nova explicação a aluna falou de imediato que iria participar e o aluno sem falar nada foi colocando seu lanche junto aos demais. No decorrer da partilha todos saboreavam novos sabores, falavam do modo do preparo ou até mesmo de lugares do bairro onde outras crianças poderiam encontrar aquele alimento, citavam nomes de mercados das redondezas da escola ou faziam referência ao nome do dono do estabelecimento.

Esses detalhes mostraram o reconhecimento que as crianças tinham do entorno da escola.

Na perspectiva interacionista de Vygotsky (1989), a relação da criança com quem a alimenta é necessária para que o homem, que é dialógico, articule os desenvolvimentos motor, afetivo e cognitivo, estabelecendo importantes construções e é desta forma que as crianças desenvolvem sua capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. Dessa forma, muito além de um direito da criança, o momento da alimentação propicia sentido de mundo, de si mesma, da relação com o outro e com os objetos que passam a ser parte do seu conhecimento.

A partilha do lanche proporcionou um momento agradável de troca, integração da turma e descobrimento de novos sabores e alimentos. O convite de bater palmas para o lanche que estava distribuído à mesa, fortificou o sentimento de alegria e fraternidade do momento da partilha. Notamos que nesse dias as crianças lancharam melhor e pouco desperdiçaram o alimento, talvez pelo fato da novidade, pois estavam degustando o lanche do colega que provavelmente em alguns momentos poderia lhe parecer mais saboroso que o seu.

No primeiro dia de intervenção também destacamos a atividade de relaxamento com música. Onde os alunos puderam sentir e relaxar as partes do corpo.

A hora de dormir sempre é composta por muito barulho e tumulto, todos querem as coisas ao mesmo tempo, bico, cheiro, tirar os sapatos, por fraldas entre outros. Neste

dia a técnica de relaxamento surtiu um efeito considerável, tratando-se da referida turma.

As crianças ouviram atentamente as ordens, reproduziam exatamente o que era executado pelas professoras, houve silêncio em todo desenvolver da atividade, notamos o quanto o relaxamento preparou para aquele momento de descanso entre um turno e outro.

No segundo dia de intervenção mais especificamente ao final da atividade de integração realizada no pátio, houve alguns conflitos devido as almofadas e o posicionamento dos lugares no tatame.

Os conflitos, geralmente confundidos com violência, não são sinônimos. Leme (2009, p. 360) afirma que “o conflito nem sempre envolve violência”. Ela define o conflito como “uma situação de oposição entre pessoas envolvidas em uma interação social”, dando como exemplos diferenças de pensamentos, críticas, ou esbarrões acidentais que possam gerar frustrações no outro.

A intervenção do professor aconteceu na hora do conflito, mas também esteve presente de maneira indireta em outros momentos. Como? Utilizando, por exemplo, uma das dramatizações, recriando cenas de conflitos vividas pelas crianças. Esses são momentos oportunos para permitir que os pequenos assumam outros papéis, criando a oportunidade para que eles percebam além dos próprios sentimentos. A intenção é de sempre promover espaços para reflexão sobre maneiras cada vez mais justas de resolver seus conflitos. Paniagua e Palacios (2007, p.132) abordam a posição do adulto como referência na Educação Infantil, defendendo que as “crianças pequenas são orientadas e apoiadas em seu crescimento pelos adultos de referência”, que na escola são os professores. Os autores ressaltam que os educadores devem proporcionar “segurança afetiva” para que as crianças possam brincar, explorar e interagir com os demais, como também devem “colocar exigências, desafios, normas que orientem a aprendizagem e a socialização” (Paniagua & Palacios, 2007, p. 132).

Durante a realização da atividade de recorte e dobradura com bonecos que ficavam de mãos dadas, todos os alunos citaram as professoras em um dos seus bonecos, demonstrando um sinal de carinho e receptividade com a atividade cuja proposta era citar o nome de pessoas (amigos) que estavam sempre ao lado deles e os consideravam. O cuidar, educar e brincar foram elementos que sempre evidenciamos, lembrando que devem caminhar juntos para atingir resultados satisfatórios, ou seja, para que a criança possa desenvolver-se plenamente, devendo ser parte integrante na

Educação Infantil. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2010, p. 12) a Educação Infantil “[...] constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade”. Em contrapartida, ainda de acordo com as DCNEI (2010, p. 25) apontam que o brincar é um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas da Educação Infantil. Sendo assim, propomos, cuidar dos mínimos detalhes na hora do sono, pensávamos em algo que afetasse a criança interiormente, e que na hora do sono pudesse, desfrutar desses momentos de paz e prazer. No momento do sono a essência no difusor lhes causou tamanho prazer, uma vez que comentamos ser um difusor mágico que tinha o poder do sono. Todos queriam adormecer devido o cheirinho que fluuava pelo ar. Salientando assim o poder da ludicidade para esta faixa etária.

A ludicidade, para Sarmiento (2004) constitui um traço fundamental das culturas infantis, pois brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. O autor também ressalta que, contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério. No que diz respeito à fantasia do real, Sarmiento explica que o “mundo do faz de conta” faz parte da construção da visão de mundo da criança e da sua atribuição do significado às coisas.

No momento história no terceiro dia de ação, percebemos o sentimento de dó, que transparecia entre as crianças, quando surgiu da caixa surpresa um livro que suas condições de conservação, não eram das melhores. Tentavam adivinhar o que tinha acontecido, tentavam encontrar alguma justificativa para aquele estado. Faziam comparações, entre o livro novo e o livro com maior tempo de uso e pior estado de conservação.

A partilha com o bolo de chocolate ofertado pela professora mostrou interesse de todos ao prontificarem-se para cortar e servir aos colegas. Quando falei que os ingredientes do bolo, foram xícaras de carinho e colheres de amor, ficaram entusiasmados com o momento do lanche.

Durante a história do livro Douglas quer um abraço, as crianças permaneceram atentas aos detalhes e as ilustrações que compunham o livro. Reagiam a troca de dicção que a professora realizava ao contar as história, estavam muito envolvidos, tentavam adivinhar o que aconteceria, baseando-se nas ilustrações que o livro trazia.

Na medida em que íamos relatando os tipos de abraços, algumas crianças, já interviavam ao estimo, interagiam tentando abraçar o que colega que estava por perto.

Sobre a interatividade, Sarmiento (2004, p.23-25) explica que, antes de tudo, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comuns. Essa partilha de tempos, ações, representações e emoções é necessária para um entendimento mais perfeito do mundo e faz parte do processo de crescimento.

O toque e os sentimentos envolvidos nas dramatizações de abraço, também foram um ponto a ser destacado.

A técnica de respiração utilizada com as crianças foi tão útil quanto benéfica. Os exercícios de respiração otimizam o desenvolvimento cerebral das crianças para melhorar a sua atenção e reduzir o efeito do estresse. (GOLDEMAN, 1999).

Este momento, não só ajudou a controlar as emoções das crianças, como também melhorou suas capacidades de foco e atenção. As crianças sentiram-se mais relaxadas ao compreenderem melhor seu corpo.

No quarto dia de encontro o interesse pelo significado das palavras que estavam escritas nos recadinhos do coração, superaram nossas expectativas, assim que liamos a palavra era uma descoberta, a maioria das palavras as crianças já reconheciam. Repetiam a palavra para o colega e para as professoras.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, salienta que criança participa e é inserida na vida social à medida que aprende a comunicar-se, fazendo uso de diferentes linguagens para se expressar. Com esta atividade, a que desconheciam as palavras, iam questionando os professores, e por eles, sendo explicadas. Desta forma, já surgiam exemplos vindo dos alunos.

Um dos alunos que assimilou a palavra perdão com o pedido de desculpas, explicando que quando faz uma coisa errada com seus pais precisa pedir perdão para ser desculpado, e que a mesma coisa acontece na escola. Em vista disso, a Educação Infantil deve propiciar um ensino de linguagem escrita que a criança consiga” compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. P. 122.V.3).

A surpresa tomou conta da turma, na hora do lanche, foram surpreendidos quando descobriram, que naquele dia todos os alunos tinham levado sanduiches para o lanche. Comentavam entre eles, de não saber o que tinha acontecido. Uns diziam que poderia ter sido coincidência, outros que elas poderiam ter combinado, um afirmou que a professora tinha colocado sanduiches no lugar dos lanches. Durante o lanche deixamos a conversa fluir e as mais variadas sugestões apareciam, ao termino do lanche,

comentei que tinha feito uma surpresa com o auxílio das mães. A relação escola e família é de suma importância, não só na educação infantil. A parceria entre a escola e os pais contribui ativamente no desenvolvimento dos alunos.

Lima (2009), afirma que tanto a família quanto a escola devem viabilizar relações pautadas na afetividade e no adequado desempenho de papéis. As crianças, ao viverem ora como aluno ora como filho, aprendem as normas sociais e éticas e compreendem o seu lugar no mundo.

Na atividade de pátio no quarto dia de intervenção, contamos com a união da atividade recreativa com a prática da não exclusão. Uma brincadeira tradicionalmente conhecida e culturalmente eliminatória, quando exclui seu participante, uma vez que ele não encontra um lugar onde sentar. Reelaboramos as propostas da brincadeira, e explicamos para o grupo as novas regras, obtivemos uma atividade comum que desencadeou o coletivo, pois em determinado momento um iria precisar do outro para sentar, desenvolveu a percepção e a coordenação motora.

Ampliou a percepção de si e do outro, exercendo a criatividade, quando o aluno deveria sentar em algum lugar, não importava onde. Desenvolveu de certa forma o respeito mútuo, uma vez que para facilitar a brincadeira os alunos deveriam ir sentando no colo do colega até o término das cadeiras. Aprenderam brincando que no exercício de conviver a cooperação é fundamental.

Neste mesmo dia, realizamos a simbólica germinação de sentimentos. Os alunos gostaram da atividade e deram várias sugestões, uma delas foi realizar em casa a confecção de uma árvore de sentimentos. Perguntaram se poderiam por terra, e posteriormente regar com água. Explicamos que tratava-se de uma simbologia, e que se colocássemos água iríamos estragar o material em que a árvore tinha sido confeccionada.

Os alunos ainda assim insistiam que gostariam de regar e por terra para que esses sentimentos brotassem. Nesse instante fiz um acordo com eles, que no período da tarde iria visitá-los e que traria comigo, um material, para que pudessem plantar esses sentimentos, que levaria terra e que deveriam regar diariamente. E assim fizemos, no período da tarde plantamos suculentas em cascas de ovos, e desenhamos nas casquinhas algumas formas de sentimentos. Ficaram satisfeitos com o compromisso que acabavam de firmar. Daí em diante teriam a incumbência de cuidar, dar água e sol para as plantinhas de sentimentos.

No último encontro a fantasia tomou conta da acolhida, os alunos foram recebidos com o baú das fantasias, com o objetivo de se transformarem em um super-herói do bem.

A fantasia tem na infância uma função importante. As crianças aprendem e se desenvolvem através do uso da fantasia. A criança expressa suas preocupações através dos personagens que escolhe e das histórias que cria.

Essa transposição imaginária de situações, pessoas, objetos ou acontecimentos está na base da constituição da especificidade dos mundos da criança, e é um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem diante das situações mais dolorosas da existência. Sarmiento (1997) que “fazer de conta” é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança.

Vigotski (2004, p.15) dizia que “A imaginação pode estar mais ligada a imagens sensoriais e/ou mentais”. Por isso, a importância da criatividade e da imaginação serem estimuladas desde a infância, pois ambas, juntas, tornam possíveis à criação artística, científica e a técnica, já que são à base de toda a atividade criadora e se manifestam em todos os campos da vida cultural.

A escolha do nome dos super-heróis foi um misto de todos esses itens que citamos a cima. A atividade tomou forma em nome da imaginação e tudo foi sendo construído a partir daquele momento.

Os mais variados nomes de super-heróis surgiram, a lição de aulas anteriores, os valores aprendidos em casa, a importância do eu e do meu semelhante.

Vygotsky afirma que “toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2004, p. 21).

A atividade de narração de história com o livro da paz, foi o ápice da intervenção. Ao falar sobre o livro, as crianças, não imaginavam do que poderia se tratar. Descobriram através da leitura que a verdadeira paz estava nas pequenas coisas; no auxílio ao próximo, na divisão da comida, na manutenção ou das ruas limpas. Com frases curtas, diretas e envolventes, foram observando como era simples cultivar a paz no nosso dia-a-dia.

As crianças descobriram naquele instante que o livro da paz, relatava o que vínhamos desenvolvendo no decorrer da semana. Abordando de forma clara e direta os sinônimos de paz existentes no cotidiano escolar.

O ambiente escolar é o local para a criança experimentar pela primeira vez como é viver em sociedade, sem ter os pais por perto. É nesse período em que os pequenos aprendem a lidar com as diferenças e a respeitá-las. Mas, além disso, é também o momento em que percebem que existem outras estratégias para satisfazer suas necessidades, como agressões, xingamentos, mordidas e choros. Lidar com esse tipo de comportamento pode parecer difícil, mas é por meio de tais sinais que é possível estabelecer a boa convivência e o respeito às regras.

Além das regras de comportamento afixadas no mural, confeccionadas pelos alunos no início das intervenções, a construção do guia, não deixa de ser um combinado.

Fazer combinados não significa apenas captar a opinião dos alunos e construir um cartaz bonito com as responsabilidades do grupo. Significou também uma mudança de postura, não só do aluno, mas dos professores. Os professores também fizeram parte desta ação, construindo uma nova relação afetiva com a turma.

5.3 Transformações frente as práticas de paz

Durante os cinco dias de intervenção, elaboramos nossa proposta da pesquisa, dentro dos momentos da turma, nossa práxis não foi definitivamente alterada em consequência da intervenção, muito pelo contrário, conseguimos introduzir, dentro das rotinas da turma do maternal práticas de paz. Aparentemente uma ação simples, que foi aderida com receptividade.

Os momentos do dia continuavam os mesmos, os conteúdos propostos para a semana foram desenvolvidos. As respostas que obtivemos nesses dias, além de mostrar a possibilidade da inserção das práticas de paz, no cotidiano da educação infantil, nos mostrou resultados imediatos, uma vez que as crianças iam respondendo aos estímulos realizados, de forma satisfatória.

As alegrias manifestadas em forma de sorrisos, olhares ou palavras. As ideias de cuidado com os materiais, com os colegas, com o que é comum de todos.

O amor que tomou conta das ações, caracterizou-se por envolver a personalidade da turma como um todo, traduzindo-se em valorização, tanto do espaço, como pessoal. A intervenção tornou-se um estímulo que impulsionava e regulava a conduta dos alunos no sentido de fomentar a realização das situações que antes não eram sequer cogitadas.

Os sentimentos que afloraram, durante esses dias, os manifestos de carinho com o próximo ou com eles mesmos, destacavam sinais de que algo tinha acontecido. Até mesmo a troca da nomenclatura dos momentos que foi feita propositalmente, foi aceita e prontamente praticada a partir de então.

Obviamente, não podemos deixar de destacar velhos vícios que, ainda hoje, permeiam a educação e a orientação que os pais dão aos filhos, educando a menina e o menino com padrões psicológicos e morais totalmente diferentes. O que acaba se estendendo aos contextos escolares e funcionando como impedidores da manifestação do amor em sua versão mais simples. Destacamos isto, quando uma das meninas, negou-se ao abraçar um menino, relatando que o pai só à deixava abraçar as meninas.

As práticas de paz, durante este trabalho, implicaram no esforço para modificar o pensamento e a ação dos alunos no sentido de promover a paz.

Falar de coisas tristes ou erradas e de como isso vem assombrando o dia a dia, não foi o foco principal. Não que, não tenha sido abordado, diante das ações em sala de aula. Porém, o sentido da ações, era intensificador, precisávamos impregná-los de palavras, conceitos e ações que anunciassem os valores e os sentimentos que exaltavam a paz, para poder buscar sua promoção.

A inspiração para a projeção e realização dos círculos, partiu do reconhecimento que tínhamos das crianças.

À medida que as intervenções eram realizadas, partia das crianças a realização de algumas ações, como por exemplo a repetição de alguma atividade, ou a ideia de plantar um planta de verdade, que representasse algum sentimento, mas que para isso elas deveriam regar e cuidar para que pudesse crescer. Todas as crianças demonstravam-se envolvidas, efetuando mudanças que surtiram efeito sobre a melhora das relações, nas práticas rotineiras.

Identificaram as formas de violência, quando falavam que não poderiam brigar pelo lugar ou pelas almofadas, desenvolveram ações de solidariedade, com a partilha dos alimentos. Conscientizaram-se do papel de cada um e de todos com o cuidado com o bem comum, que é de todos, que é público.

Desenvolveram hábitos de carinho, não só no momento da chegada, mas como na hora da troca de professores, como exemplo o aluno que pediu um abraço de tchau e assim motivou à todos com seu exemplo.

Vivenciaram momentos de fantasia, quando encontraram doces de baixo dos travesseiros, aproximando a realidade da imaginação.

Durante a realização dos círculos de paz sempre evidenciamos a ludicidade, acreditando no ganhos que o brincar traz para o desenvolvimento infantil, além de construir valores e organizar conceitos frente à realidade da criança. A hora do conto realizada em dois dias dos círculos, aponta esta intencionalidade quando a escuta estimulou a imaginação, educou, instruiu, desenvolveu habilidades cognitivas, além de ter sido uma atividade interativa, potencializou a linguagem infantil.

Todos os momentos descritos foram pensados, traçados e executados para convocar a presença da paz em nós e entre nós. E de acordo com estas respostas constatamos melhorias diante destas práticas.

Milani (2003) afirma que “para que relações de paz, respeito e cooperação prevaleçam numa escola ou comunidade não bastam boas intenções e belos discursos” (p.31), mas transformações indispensáveis para que a paz seja o princípio de todas as relações humanas e sociais.

5.4 Crescimento na perspectiva da educação para paz na educação infantil

Aqui fizemos uma reflexão sobre a cultura de paz na educação infantil, pois vivemos numa sociedade, na qual cada vez mais os valores de convivência como respeito, educação, diálogo, cooperação e ética estão sendo deixados de lado, comprometendo as relações humanas.

A sociedade vem passando por profundas transformações, e com elas ocorrem transições positivas ou negativas. A escola está inserida nessa sociedade, e sofre também com essas problemáticas.

Jares (2002, p.130), diz: “Em suma, paz, desenvolvimento, direitos humanos e democracia, são conceitos interdependentes que se requerem mutuamente. O que, logicamente, deve ter sua aplicação concreta no plano pedagógico”. Com isso se percebe a importância da escola estar preocupada e inserida em ações que objetivem os valores de convivência como o respeito, educação, diálogo, cooperação e ética que muitas vezes são deixadas de lado.

O Plano Nacional de Educação afirma este pensamento, quando traz a seguinte redação:

Garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade (Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005,2014).

Este marco permitirá um trabalho efetivo sobre a cultura de paz em todas as escolas, sendo elas de educação infantil ou não. Pela primeira vez, essa questão foi contemplada num Plano Nacional de Educação, porém, neste momento precisamos de conscientização para efetivação deste trabalho no cotidiano da educação infantil.

No ano anterior, foi alterado o art. 12 da LDB, incluindo assim a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

Art. 1º O caput do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:IX -promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas; X -estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

Embora sendo novidade a cultura da paz já é um componente da Lei de Diretrizes e Bases. A alteração se deu em maio de 2018 e manifesta a necessidade de considerar tensões teóricas e metodológicas referentes ao tema. Anteriormente à mudança, só havia a garantia de espaço aos temas no Plano Nacional de Educação, como citamos a cima.

Diante da inserção das novas políticas, vimos a importância das crianças aprenderem noções de valores, de amor e de respeito.

Acreditamos que através de um ambiente harmonioso fica provavelmente mais fácil convivermos em paz com todos. A inserção das práticas de paz na rotina das crianças de educação infantil, mostrou possibilitar a construção de um mundo mais justo e fraterno.

A inserção das práticas de paz no contexto da educação infantil, foi ao encontro do aprendizado dos valores e dos direitos humanos dentro da sala de aula, através de relações de convivências mais humanas.

Essas práticas implantadas na turma de maternal, não só contribuíram com o presente, como firmaram um compromisso com o futuro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi composto por diversas atividades que tiveram por finalidade trazer à tona a paz e a harmonia na sala do maternal. Identificamos que a forma de contribuir para a construção de uma cultura de paz na educação infantil é através de pequenos atos

diários, ensinando os pequenos que temos direitos e deveres e que todos somos responsáveis pelo mundo que nos cerca e que cuidar dele é nosso dever. É o nosso compromisso.

As reflexões acerca das possibilidades de educar para a paz na educação infantil, foram construídas a partir de um olhar atento e de uma escuta sensível lançado às crianças do maternal de 3-4 anos que frequentavam a escola de Educação Infantil Donatos, no município de Santa Vitória do Palmar/RS. As informações coletadas e a análise, levaram-nos a concluir que as crianças, embora ainda bem pequenas, aprendem com as relações do mundo e a partir de então constroem suas concepções sobre paz, e através dos exemplos vivenciam e praticam a paz, nas mais diversas formas de relacionaram-se.

Através das escutas, pudemos notar que estavam integrados com a temática e mostraram-se atentos às situações e demonstraram ter desenvolvido uma visão clara e positiva à respeito da paz, relacionando-se com prazer com os colegas e professores, à alegria de brincar e a beleza do ambiente foi fator de destaque, demonstravam estar felizes com o espaço, com as pessoas, com todo entorno escolar. Pareciam perceberem-se como sujeitos históricos capazes de intervir pela paz no mundo.

A importância das escolas não só incluem discussões e reflexões acerca da cultura da paz em seu currículo, mas criar oportunidades para as crianças expressem o que sabem e o que sentem em relação ao que acontece em sua volta e no mundo. Isto é afirmado no pensar de Paulo Freire e sua educação libertadora, uma vez que promove a conscientização das crianças, bem como sua intervenção no mundo.

Dá-se na educação infantil o momento adequado para iniciar-se a construção da cultura de paz, considerando que as aprendizagens, nesta fase, são intensas e profundas. E diante disso vimos o espaço da educação infantil, como uma importante via de educar para a paz.

Durante os círculos de paz, a educação para a paz solidou-se a partir do diálogo e da escuta. Os círculos além de tudo, propiciaram o respeito ao outro, as boas maneiras, ao carinho, e o reconhecimento de si.

Atualmente a educação para a paz é uma exigência primordial da sociedade, devendo ocupar posição de destaque no contexto educacional das instituições, principalmente nas de educação infantil por ser a base da educação. Diante disso optamos por seguir desenvolvendo propostas concretas neste sentido, por acreditarmos que a educação para a paz é um compromisso possível de ser sonhado e construído.

Neste trabalho a paz não foi a maior protagonista, o segredo esteve na trajetória das relações efetivadas em sala de aula. O segredo estava nos acontecimentos reais, nas escutas, nos sentimentos, nos momentos de solidariedade, nos sorrisos, nas descobertas, nas demonstrações de ética, partilha e principalmente nas relações amor no convívio da sala de aula, entre tantas outras possibilidades que o caminho da paz, nos levará.

Concluindo, entendemos que esse trajeto, com estradas temporárias, traçam seguimentos que condicionam, mas não determinam nossas ações. Chegar até aqui, faz-nos entender que acreditamos, e que queremos que as práticas de paz na educação infantil, sejam além de inseridas, reconhecidas como oportunidades de crescimento e promoção da educação, propiciando a sintonia na possibilidade de futuro de vida, futuro de paz, e para isso justifica-se o investimento nos primórdios da educação, a primeira etapa da educação básica.

Queremos a educação para paz, como um espaço novo, como uma oportunidade nova, de novas metas e esperança. Como escreveu Moacir Gadotti, inspirado nas ideias de Freire “O universo não está lá fora. Está dentro de nós” (2000, p.62).

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2017. 40 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parecer Conselho

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf > Acesso em: 17/05/2018

_____. **Lei Federal n 13.663**, de 14 de maio de 2018. Altera o art.12 da Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, DF, 14. Mai. 2018.

_____. **Lei Federal n° 13.185**, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília, DF, 6. Nov. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm > Acesso em: 17/05/2018

_____. **Lei Federal n° 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm >. Acesso em: 17/05/2018.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Sílvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de Educação** FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul./ago. 2013.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei 8069 de 13/07/90 – Brasília: EGBA, Ed. Gráfica da Bahia, SETRAS, Bahia.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo : um instrumento de reflexão. In: Contexto e educação**. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24

FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo : Madras, 2005.

FIORENTINI, D. & LORENZATO, S. (2006). **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas: Autores Associados.

FREIRE, Ana Maria. **Educação para a paz segundo Paulo Freire**. Revista Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Esperança que liberta**. In: STRECK, Danilo (org.) **Paulo Freire: ética, utopia e educação**, Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

_____. **Direitos humanos e educação libertadora**. (Conferência de junho de 1988) In: FREIRE, Ana Maria (org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____ **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOERGEN, P. **Ética e educação: o que pode a escola?** In: LOMBARDI, J. C.;

_____ **Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea)

GOLDEN, Daniel. **A arte da meditação: um guia para meditação**. Rio de Janeiro: EDITORA, 1999

GUIMARAES. **Educação para paz: sentimentos e dilemas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

_____ **Aprender a educar para paz**. Goiânia, Goiás, Editora Rede da Paz, 2006.

HAMMES, Lúcio Jorge; SELAU, Bento e MELGAR JR., Eduardo Carralaga. **Círculos de aprendizagem: internet e o trabalho colaborativo**. Signos. Lajeado, v. 35, n. 2, p. 103-117, 2014. Disponível em: Acesso em: 16 JAN. 2018, 15:26:00

JARES, X. R. **Educação para paz: sua teoria e sua prática**. 2. Ed. Ver. Tradução de Fátima Murad, Porto Alegre. Artmed: 2002.

_____ **Educar para paz em tempos difíceis**. Tradução de Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: pala Athena, 2007.

LIMA, Liliana Correia de. **Interação família-escola: papel da família no processo ensino-aprendizagem**. 2009. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2009-8.pdf. Acesso em: 14 abr. 2017.

LIMA, M. M. S. (1989). **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel

LEME, M. I. S. (2009). **Violência e educação: a percepção de pré-adolescentes sobre a autoridade da escola e da família no conflito interpessoal**. Temas em Psicologia, 17(2), 459-370

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2000.

PADILHA, Paulo Roberto; FAVARÃO, Maria José; MORRIS, Erick; MARINE, Luiz. **Educação para a cidadania planetária: currículo intertransdisciplinar** em Osasco. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

_____. **Educar em todos os cantos. Reflexos e Canções por uma educação Intertranscultural.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2007.

_____. **Currículo Intertranscultural. Novos itinerários para a educação.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

PALMAR, Santa Vitória do. **Plano Municipal de Educação,** 2005.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imitação e representação.** Rio de Janeiro: LTC, 1996.

POL-DROIT, R. **Michel Foucault: entrevistas.** São Paulo: Graal, 2006.

SARMENTO, M. J. (2004) “**As culturas da infância na encruzilhada da segunda modernidade**” in Sarmento, M. J., Cesiara (org) (2004) **Crianças e Miúdos – perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação,** Edições Asa.

SAVARIN, B. **A fisiologia do gosto.** SP: Companhia das Letras, 1999.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

UNESCO. **Programa Cultura da Paz.** [on-line]. Disponível: // www.unesco.org, [capturado em 30/11/2017].

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**- Secretaria de Educação -****EMEI DONATOS**

Solicito à Secretaria de Educação do município de Santa Vitória do Palmar, e à direção da EMEI, autorização para realização da pesquisa e utilização das imagens (fotos) do prédio da Escola de Educação Infantil Donatos, na pesquisa intitulada **EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob responsabilidade da professora Ariane Barrios Rodrigues e com orientação da professor Dr. Lúcio Jorge Hammes, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA.

Comprometo-me a seguir as normas e rotinas da escola, zelar pelo sigilo ético e dados obtidos da pesquisa.

Haverá o compromisso de divulgação dos dados obtidos apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético da Instituição.

Informo que a pesquisa será realizada com uma turma de educação infantil e que pais e alunos estão cientes da pesquisa, dos quais obtive autorização para a coleta de dados.

Santa Vitória do Palmar, Maio de 2018.

Ariane Barrios Rodrigues
Responsável pela Pesquisa

Janaina Teixeira de Souza
Secretária de Educação

Gisiane de Castro Acosta - Luci Mara Rodrigues
Direção e Coordenação da Escola

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Educação para paz na escola: investigando possibilidades na educação infantil

Pesquisador responsável: Ariane Barrios Rodrigues

Pesquisadores participantes: Lúcio Jorge Hammes e Ariane Barrios Rodrigues

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Telefone celular do pesquisador para contato: (53)999747331

E-mail: ariane_barrios@hotmail.com

Senhor(a)!

Seu filho (a),

....., está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), na pesquisa EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANSO POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Esta pesquisa é desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa –UNIPAMPA – Campus Jaguarão. A pesquisa justifica-se em implementar junto as rotinas do maternal, ações de paz, para a formação de futuros cidadãos que a partir de uma cultura de diálogo, de respeito e de paz, convivam em harmonia no espaço escolar. Por meio de intervenções desenvolvidas na sala de aula, salientaremos, situações onde serão prezados, os bons costumes, a amizade, o diálogo, o carinho, a partilha de alimentos e a ajuda ao próximo. Por meio deste documento e a qualquer tempo, o(a) senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, tanto pessoalmente como por telefone, utilizando o número indicado pelo pesquisador. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir que seu (sua) filho (a) faça parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

A proposta de trabalho consiste no desenvolvimento do Projeto de Ensino em 05 (cinco) aulas no mês de maio do corrente ano. Para participar deste estudo, seu (sua) filho (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O nome e a

identidade de seu (sua) filho (a) serão mantidos em sigilo e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, revistas, periódicos, sites ou outra forma de divulgação. Os resultados do referido projeto de intervenção, em seus diferentes aspectos, serão disponibilizados no relatório crítico reflexivo e se interessar for aos responsáveis pelos alunos (as), secretaria municipal de educação de Santa Vitória do Palmar, e equipe diretiva da escola.

CIENTE E DE ACORDO

Responsável pelo Participante da Pesquisa Ariane Barrios Rodrigues –
Pesquisadora

Santa Vitória do Palmar, ____ de _____ de 2019.

Apêndice III

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO FECHADO

Título da pesquisa: EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO
POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador responsável: Ariane Barrios Rodrigues Fone: 999747331

Nome do participante: _____ Data: _____

- 1- Já ouviu falar sobre cultura da paz na escola? () Sim () Não
- 2- Na escola em que leciona existem ações para promoção da paz no contexto escolar?
() Sim () Não
- 3- Tuas práticas apresentam relevância para a cultura da paz? () Sim () Não
- 4- Nas reuniões pedagógicas da escola é comum abordarem assuntos referentes a paz?
() sim () Não
- 5- Você considera significativa a cultura da paz nas escolas de educação infantil?
() Sim () Não
- 6- Você já participou de alguma formação sobre Educação, Ética e Cidadania?
() Sim () Não
- 7- Você acredita que existem situações de conflito, de qualquer tipo, na realidade socioeducativa da EMEI Donatos? () Sim () Não
- 8- Existem normas de convivência preestabelecidas, regimentadas internamente na EMEI Donatos? () Sim () Não
- 9- Você conhece as legislações que tratam de direitos humanos, mediação de conflitos, combate à violência, promoção da paz e formação de professores? () Sim () Não
- 10- Você considera que a qualidade das relações humanas influenciam o clima institucional? () Sim () Não
- 11- Você acredita que existem estratégias para a promoção da paz nas escolas?
() Sim () Não
- 12- Que ações dentre as citadas, na sua opinião, colaboram para a promoção da paz que envolvam os professores? Marque as sete mais importantes.

- boa relação interpessoal
- currículo democrático
- espaços de lazer na escola
- práticas pedagógicas colaborativas
- atividades musicais em grupo
- infraestrutura
- diálogo
- corpo docente qualificado
- valorização do professor
- promoção dos direitos humanos
- assistência estudantil
- espaços de escuta qualificados
- bom relacionamento com os colegas
- bom relacionamento com equipe diretiva
- bom relacionamento com alunos e familiares

13- A escola trabalha em seu currículo questões relacionadas à cultura da paz, às identidades, às diferenças, aos papéis sociais, às relações e representações sociais, às relações humanas, às habilidades sociais, à ética, aos direitos humanos, à cidadania?

Sim Não

APÊNDICE IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO ABERTO

Título da pesquisa: EDUCAÇÃO PARA PAZ NA ESCOLA: INVESTIGANDO
POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador responsável: Ariane Barrios Rodrigues Fone: 999747331

Nome do participante: _____ Data: _____

Com base nas discussões realizadas durante os círculos de aprendizagem e na aplicação dos conhecimentos construídos na sua atividade profissional, avalie a relevância da pesquisa.

2) Quais dos conceitos teóricos estudados, na sua opinião, são fundamentais para a cultura da paz na educação infantil? Justifique sua resposta

3) De que forma esta pesquisa colaborou para a melhoria da qualidade de tua prática docente? A partir desse momento, como você atuará na busca da implantação da cultura da paz em seu ambiente de trabalho?

4) O que mudou na tua concepção de cultura da paz?
